

## Insônia - Capítulo I

Era escuro e úmido. Pareciam ruínas de algum circo *freak*. Havia uma enorme tenda bicolor, mas isso chegava a ser quase imperceptível naquelas escalas de cinza. Sarah caminhou até a tenda, entrou e percebeu que realmente estava num circo. Uma arquibancada em péssimas condições cercava o centro, vagamente iluminado por uma distante luz de tungstênio que balançava conforme o vento e oscilava constantemente. Havia, também, uma espécie de palecete redondo, como aqueles onde as focas sobem durante suas grotescas apresentações com bolas gigantes. Mas não era uma foca que estava ali. Era uma criança, uma garotinha, de no máximo 10 anos, com uma daquelas roupas de ballet saídas diretamente de alguma representação barata de 'O Quebra-Nozes'. A garotinha se mantinha em uma das posições clássicas do ballet, uma das mãos sobre a cabeça e uma das pernas formando o número 4. A cena toda lembrava a Sarah uma antiga caixinha de música, num tenebroso filme de terror antigo.

Mas algo parecia errado.

Algo estava errado.

A garotinha não se mexia. Conforme Sarah foi se aproximando, parecia cada vez mais como um boneco

de cera muito bem trabalhado. Sarah caminhou até ela, intrigada. Projetou o corpo para frente e com sua mão direita tocou o ombro esquerdo da garota, fazendo a pequena a olhar fixamente nos olhos.

Lembrava muito aquelas antigas esculturas gregas, com seus olhos cinzas e vazios. Seu rosto era pálido como um avental de médico, e seu belo e delicado vestido estava todo manchado de sangue. Sarah gritou a plenos pulmões, mas sua voz não saía, ou ela não conseguia ouvir. Então a adorável garotinha a abraçou, cravando suas longas e gélidas unhas em suas costas. Sarah pode sentir aquele toque mortal dentro de seu coração, e como se a petrificasse, a dor cessou. Foi quando conseguiu acordar.

## Insônia - Capítulo II

Eram quase 4:00 horas da manhã, e chovia muito. Típica chuva de verão. Sarah suava como se tivesse corrido uma maratona, mas estava fria. Levantou-se, assustada, e foi até o banheiro. Lavou o rosto, respirou profundamente e, convencida de que tudo aquilo se tratava de um pesadelo, resolveu voltar pra cama. Saiu do banheiro e acendeu a luz do quarto. Quando olhou para a cama, viu sangue. Uma quantidade relativamente grande de sangue, e então um grito desesperadamente agudo escapou de sua boca. Horrorizada, Sarah voltou ao banheiro, tirou a camiseta e ficou de costas para o espelho, procurando as possíveis feridas que a garotinha poderia ter lhe causado. Quando olhou, viu apenas oito enormes cicatrizes, daquelas já escurecidas pelo tempo. Estranhamente, não sangravam. Eram como cicatrizes antigas, lembranças de alguma memória distante e apagada. Completamente atordoada, Sarah pega seu cigarro e se dirige até a janela. Fica ali por um tempo, a mão esquerda acariciando as novas cicatrizes, a direita segurando o cigarro, e o olhar ao horizonte cinza da cidade grande. *Maldito hotel*, ela pensa. *Deve ser estresse*. Termina seu cigarro e volta para a cama, que não

apresenta nenhum sinal de sangue. Deita e fica tentando se convencer de que isso tudo é fruto da sua imaginação, de que nada disso é real. *Você precisa descansar*, Sarah, comenta consigo mesma, e já deitada há algum tempo, consegue voltar a dormir.

## Insônia - Capítulo III

Já havia amanhecido quando Sarah acordou. Atrasada, por sinal. Sarah estava na cidade para fazer uma cobertura jornalística de um grande evento esportivo, e não estava aonde deveria estar. Levantou correndo, se arrumou, pegou suas coisas e saiu. Não estava tão atrasada quanto imaginava, para sua sorte. Eram apenas 8:30.

- De porre de novo? Assim não dá, Sarah... - disse seu amigo e fotógrafo Wagner Wilburn, ex-namorado de Sarah da época do colégio e ainda perdidamente apaixonado por ela.

- Porra nenhuma, tive um pesadelo. Dos grandes. Olhe só minhas costas! - disse, virando-se de costas e mostrando suas cicatrizes.

- Que que tem suas costas? Você está enlouquecendo, só pode. - respondeu Wagner, parecendo um pouco injuriado. - Estou há quase uma hora te esperando e você vem me falar de pesadelos? Faça-me o favor!

- Vai pro inferno, Wagner.

- Vou, mas vou sozinho, que se depender de você, me atraso até pra isso.

Entraram no taxi sem dizer mais nenhuma palavra e foram direto ao estádio de futebol, fazer o que eram pagos para fazer e o que já deveriam estar fazendo.

Sarah passou a mão em suas costas novamente, procurando aquelas protuberantes cicatrizes que tinha visto na noite anterior, sem sucesso. Tentou esquecer aquele inconveniente todo, pois agora deveria se focar em seu trabalho. Passou o dia relativamente bem, e procurava outros pensamentos quando a imagem da estranha garotinha lhe vinha à mente. Tomou algumas cervejas no fim do dia, assistiu um pouco de televisão num bar próximo ao hotel e, já perto das 22:00, voltou para o hotel.

Mal sabia Sarah o que a aguardava.

## Insônia - Capítulo IV

Uma frequência grave ecoava pelo lugar. O chão estava molhado. Estava em um banheiro de beira de estrada, apoiada sobre a pia, com os pés descalços tocando a água gelada e suja que escapava de uma rachadura na parede. Sarah olhou em volta, e se achou sozinha. A garotinha não estava ali. Sarah caminhou em direção a porta, tentando sair, mas não era bem uma saída... era um longo corredor, com portas lacradas e quebradas. Sarah percebeu que carregava uma lanterna, e quando se deu conta disso, acendeu-a. Foi caminhando naquele corredor, observando as portas, uma a uma. Algumas estavam lacradas como quando a prefeitura lacra um estabelecimento, com tijolos em frente a porta. Umas duas ou três portas simplesmente não abriam. Pareciam estar emperradas. Continuou andando, a frequência já não a incomodava mais. Era como se fizesse parte da cena. Mas então Sarah ouviu um estrondo, acompanhado de um barulho de água, como se alguém se arrastasse pela água suja que saía dos velhos encanamentos. Olhou para trás, apontando sua lanterna, e, por Deus, antes tivesse permanecido em seu caminho, porque o que ela viu vai além da compreensão: era como um humano, mas ele não tinha pele - era todo músculo. Sua cabeça estava

solta para trás, como se seu pescoço estivesse quebrado. Da sua boca saíam vermes pegajosos que se espalhavam pelo chão. As pernas e braços eram completamente tortas, uma aberração da natureza. E, apesar de estar praticamente se arrastando, a criatura se movia depressa. Depressa o bastante para quase alcançar Sarah, que começou a correr na direção contrária, apontando sua lanterna para frente. Quanto mais Sarah corria, mais próximo dela a criatura parecia estar. Foi quando, num relance, olhou para trás e deu de cara com uma porta. E ao iluminar essa porta, viu uma mensagem escrita em sangue: *Você causou isso, Sarah. É tudo culpa sua.*

Foi quando a criatura a agarrou, com suas mãos pegajosas e úmidas, e por mais que Sarah tentasse se desvencilhar dela, seus braços cresciam e a enrolavam como duas cobras gigantes, prontas para matar sua caça. Sarah pode sentir seus ossos esmigalhando - primeiro os ombros, sendo projetados para dentro, depois as costelas, perfurando seus pulmões e coração. No auge de toda aquela dor, uma voz conhecida chama seu nome, e então Sarah acorda.



## Insônia - Capítulo V

- Sarah! Sarah! Acorde! Você está atrasada de novo! -  
era Wagner, que tinha vindo com uma camareira -  
Temos que ir, ou vamos perder o vôo!

- Ahn? - Responde, atordoada, sentindo seus ombros  
doerem - Caralho, que porra foi essa? - se pergunta,  
intrigada.

- Sarah, acho que você precisa parar de beber.

- VAI TOMAR NO CU!

- Mas vamos logo, não temos todo o tempo do mundo.

Wagner era o tipo de cara que não se atrasa nunca.

Acho que isso se deve ao fato dele nunca ter o que  
fazer, ou nunca querer fazer nada. Sei lá. Só sei que  
quem mais sofria com isso era Sarah.

Sarah se levantou, foi ao banheiro e ligou o chuveiro.

Entrou embaixo da água gelada, recuperando o que lhe  
tinha sido momentaneamente removido - a sanidade.

Ficou a imaginar que se Wagner não tivesse aparecido  
naquele momento, as coisas poderiam ter ficado piores.

Será possível alguém morrer sonhando? Será que o  
mundo onírico tem um elo com a realidade? Eram  
perguntas que permeavam o imaginário de Sarah. *Você  
causou isso.* Outra questão. Como poderia ela ter  
causado tudo isso? Sendo conivente? Era uma  
jornalista, merda, não podia fazer o que bem

entendesse. Tinha amor ao seu trabalho, e não iria simplesmente bater de frente com todos os grandes executivos da *Blackburn Magazine*. Eles não deixaram Sarah publicar a matéria sobre um grupo terrorista no Oriente Médio na qual Sarah havia conseguido adentrar secretamente. E, durante uma das reuniões do dito grupo, foi combinado um ataque à um grande centro comercial da América. Carros-bomba, homens-bomba, armamento pesado. Seria o maior atentado terrorista da história do mundo. E Sarah tinha conhecimento do fato, mas quando retornou à edição da *Blackburn Magazine*, foi convocada por Josh Wingleton, diretor-chefe da redação e por mais uns três ou quatro amigos seus.

- Sarah, eu sinto muito. Nós iremos lhe pagar tudo o que você têm direito, mas não podemos deixar você publicar isso. Não queremos associar nossa revista à grupos terroristas e extremistas. Você não poderá procurar as autoridades, também, pois mesmo se tivesse provas o suficiente, você seria presa como cúmplice. Compreende o que eu estou falando?

- Sim, compreendo - e então Sarah deixou o amor pela profissão e pelo seu dinheiro e seu rabo lhe dominar, e simplesmente tirou aquilo da cabeça, imaginando que eles não poderiam realmente fazer aquilo. Quer dizer, era colossal, eles não teriam homens suficientes.

Até o dia 29 de novembro do mesmo ano, quando seu marido e filho morreram num ataque terrorista à um

Shopping Center movimentado, no centro da cidade.

(...)

Knock, knock.

- Ande logo, Sarah! Vamos!

Sarah saiu do banho, se vestiu rapidamente, pegou suas malas e partiu em direção ao aeroporto, tentando esquecer tudo aquilo.

## Insônia - Capítulo VI

Mr. Siegal, Tom Waits, tocava na rádio. O taxista não parecia muito feliz. Talvez seja porque sua mulher não queira trepar. Foda-se, não importava muito. Sarah estava preocupada, pensativa. Pegou sua uisqueira, abriu e deu um gole generoso. Olhou pela janela, observando o caos de pessoas e máquinas nesse mundo cinza e caótico. Sempre sem direção, um quilômetro de cada vez. Mas Sarah voava, dentro de si e fora de si, como uma espécie de esquizofrênico que observa o mundo através de uma janela blindada, e amarrado a uma camisa de força. A angústia a dominava. Era impressionante a dimensão que aqueles pesadelos haviam tomado. Sarah não conseguia pensar em mais nada, somente naqueles bizarros pesadelos. Olhou para Wagner, com expressão descrédula, e deu mais um gole no seu Jack Daniel's. Acendeu um cigarro, abriu a janela. Pensava muito em seus amados, também... teria alguma relação com eles? Será possível? Não... Freud diria que é falta de sexo. Nietzsche diria que Deus está morto. E Sarah diria que estava ficando maluca.

Chegaram a um cruzamento bastante movimentado, e o taxista já havia passado do semáforo, mas pararam no meio do cruzamento, por não ter o que fazer. Foi

quando aquela Dakota apareceu, a mais ou menos uns 120km/h. Sarah estava na janela, e viu a cena inteira. A caminhonete vindo em sua direção, veloz demais para conseguir parar, e foi como se ela já soubesse o que iria acontecer. Sentiu o choque em seu corpo como alguém que acabou de ser atingido por um raio, ou algum detento sendo eletrocutado até a morte. E, exatamente no momento do choque, viu aqueles pesadelos voltando à sua memória, e viu seu marido e filho atravessando a rua, bem em frente ao taxi em que estava.

Foi quando Sarah apagou.

## Insônia - Capítulo VII

Era noite, e fazia frio.

Não queria deitar.

Não sentia sono.

Abriu mais uma garrafa e sentou à janela.

Acendeu seu Luckie e ficou a observar a vida fria que corre por entre os vidros das janelas.

Sentindo o vento em seu rosto,

Sarah se lembrou de quando era criança.

Aquela vontade de poder

e aquela vontade de querer.

Uma música toca no rádio,

e a lembrança só piora.

Não era uma lembrança ruim, definitivamente  
mas nada acrescentava também.

Deu outro gole

acreditando sempre na conveniência do álcool,  
afinal é pra isso que ele serve.

Mais um cigarro,

e a garrafa se esvazia.

Agora decide ir pra cama, até porque já é tarde.

Mas fuma mais um cigarro,

já na cama

e, por um momento, tenta se lembrar  
de como era feliz.

Nessa lembrança, nesse placebo,  
adormece  
acreditando na maldição de ser o que é.

## Insônia - Capítulo VIII

Sarah acordou no quarto do hotel. Ou, pelo menos, era o que parecia. Havia goteiras por todos os cantos, e um odor pesado inundava o lugar - era como se estivesse num necrotério ou num açougue, o cheiro era fortíssimo. Olhou em volta, e as paredes pareciam depreciadas pelo tempo e destruídas pelas infiltrações. O banheiro estava fechado e a porta do quarto, aberta. Sarah se levantou e achou uma foto em sua cabeceira. Uma foto da sua família. Ela, Mike e Ian. Era uma fotografia antiga, tirada quando Ian ainda nem falava. Pegou a fotografia, a contemplou por alguns minutos e virou. Para sua surpresa, havia uma nota na parte de trás da foto que dizia:

*Você se lembra de como éramos felizes?*

*Você se lembra de nós?*

*Você se lembra, Sarah?*

Então, sem pensar ou sentir, e com um imenso sentimento de culpa e ingratidão, desabou na cama e chorou durante um longo e penoso tempo, ali, sozinha, naquele quarto estranho, com cigarros e restos de garrafas espalhadas pelo chão.





## Insônia - Capítulo IX

Algum tempo se passou enquanto Sarah chorava. Quando conseguiu se recompor, decidiu se levantar e sair do quarto. Todas as paredes tinham a mesma aparência - estavam velhas, gastas, destruídas. Sarah notou, por algum motivo da qual não se sabe a razão, que somente seu quarto estava aberto. Tentou abrir uma porta à sua direita, sem sucesso. Mais uma, novamente sem sucesso. Dirigiu-se até o elevador. Era um elevador pequeno, marrom, e velho, mas parecia estar funcionando normalmente. Sarah não encontrou ninguém. O hotel estava completamente vazio, como uma espécie de prédio fantasma. Era escuro, poucas luzes funcionavam e as que funcionavam, oscilavam bastante, criando uma atmosfera de mistério e medo. Sarah pressionou o botão do andar térreo, e o elevador começou a descer.

Dez ou quinze segundos depois, chegou. A porta se abre, no andar térreo. Sarah sai do elevador, ainda bastante apreensiva. Quero dizer, se coloque em uma situação como essa, e vai entender do que eu estou falando. O chão do andar térreo também estava úmido, mas as paredes pareciam menos depreciadas do que as do sétimo andar. Sarah foi até a recepção, e quando chegou ao balcão, ouviu um choro de criança.

Debruçou-se sobre o balcão, procurando a tal criança. A viu encolhida num canto, chorando, soluçando, em completo desespero.

- Hey, pequena, você está bem?

Era uma garotinha loira, de uns 12 anos no máximo, bela e pura como essas crianças que vemos nos filmes. A garotinha tentou engolir o choro, e respondeu:

- Sim, acho que sim.

- Meu nome é Sarah. Venha comigo, não tenha medo.

- Não! Eu não vou sair desse lugar! NUNCA! - e desabou em lágrimas.

Sarah se virou de costas, tentando enxergar a saída. Achou. Mas, juntamente com a saída, encontrou algo mais.

Havia um homem parado frente a porta. Era magro, de mais ou menos 1,70m, e estava muito bem vestido - um terno aparentemente caro e bem engomado. Seus sapatos brilhavam como se tivessem acabado de serem engraxados. Mas quando Sarah se deu conta, notou que o tal homem tinha uma atadura enrolada em sua cabeça, como aquelas que colocam nos defuntos desfigurados. E sua atadura tinha uma mancha de sangue bastante grande, que descia do topo de sua cabeça até o final da atadura, no começo do pescoço. O olho esquerdo do tal homem estava descoberto, e aquele olhar gelado invadiu o corpo de Sarah, a preenchendo de medo e amor. Era Michael. Quer dizer, só podia ser o Mike, com aqueles olhos... Sarah, sem

pensar duas vezes e já completamente entorpecida pela imagem que via, saiu correndo em direção ao homem, como se fosse abraçá-lo. Então, no exato momento do toque, um arrepio e um calafrio subiram por sua espinha, e seu cérebro teve uma espécie de colapso nervoso. Abraçou a figura, e caiu, de cara no chão. Sarah se lembra do impacto, uma batida forte no concreto molhado, mas não sentiu nenhuma dor.

## Insônia - Capítulo X

O relógio marcava 11:30. Estava quente - quando se deu conta, estava da UTI de um hospital. Havia ataduras espalhadas por todo o seu corpo, e um gesso na perna direita, que estava imobilizada para cima, dependurada numa espécie de gaiola. Havia, também, tubos em suas narinas, a ajudando a respirar. Uma daquelas máquinas de medição de batimentos cardíacos fazia um barulho irritante que ecoava pelo quarto branco, e uma enfermeira entrou na sala:

- Como a senhora está? - assim, meio apavorada (talvez ela fosse nova no hospital, pois não aparentava mais de 22 anos). - Doutor! Doutor!

Sarah tentou falar alguma coisa, mas foi em vão.

Simplesmente não tinha força para abrir a boca.

Um médico se aproximou de Sarah, e ela pode ler seu nome na plaqueta - *Dr. Klingermann*. O médico se apresentou:

- Meu nome é Dr. Klingermann. Como você se sente, Sarah? Consegue falar?

Sarah fez um movimento de negativo, levemente, com seu pescoço, ainda bastante rígido por conta dos sedativos. O Dr. Klingermann continuou:

- Você acaba de acordar de um coma. Nada muito demorado, apenas 4 dias, mas você conseguiu. Foi

uma recuperação espetacular. Sinceramente, não esperávamos que você acordasse em menos de 30 dias. Sinto lhe informar, mas nem seu amigo nem os motoristas sobreviveram ao acidente. Agora, trate de descansar, pois é disso que você precisa.

Uma ligeira lágrima escorreu do rosto de Sarah, e ela logo adormeceu. E dormiu como não dormia há anos - sem pesadelos, sem medo, sem nada.

## Insônia - Capítulo XI

Duas semanas se passaram até que Sarah tivesse alta. Estranhamente (talvez fossem os sedativos), Sarah não teve nenhum pesadelo durante o tempo que passou internada.

Sarah deixou o hospital sozinha. Saiu, um pouco abalada, e com bastante fome (a comida do hospital era péssima, pra variar). Decidiu parar em algum lugar para comer, e encontrou um restaurante de segunda, a algumas quadras dali. Pediu bacon e ovos, comeu e, como não tinha mais o que fazer, resolveu voltar para o hotel e entrar em contato com alguém da Blackburn Magazine. *Os filhos da puta ao menos apareceram, pensou consigo mesma. Nem uma porra de uma flor, desgraçados.*

Chegando ao hotel, subiu até o seu quarto e lá encontrou Josh Wingleton, diretor-chefe, estava em seu quarto, esperando, sentado na cama e com uma caixa de bombons ao seu lado esquerdo, o que de certa forma melhorou o humor de Sarah.

- Sente-se. - disse Josh, com ar sério, mas ligeiramente aliviado.

- Diga.

- Como você sabe, Walter não sobreviveu. Estamos reembolsando a família, e também nós estamos

bastante abalados. Mas nós precisamos de você, Sarah. Precisamos que continue trabalhando.

Nesse momento, Sarah perdeu a cabeça:

- Vá se foder você e sua revista de merda! Eu quero o meu dinheiro, e estou me demitindo!

- Sarah, por favor...

- Pro inferno!

E saiu, chutando tudo que estava no meio do caminho, e fechando a porta com um baque surdo.



## Insônia - Capítulo XII

Saiu pelo corredor, visivelmente perturbada. Chamou o elevador e entrou nele. Apertou o botão do andar térreo e esperou, impaciente e nervosa. O elevador era antigo e bastante grande. Tinha um daqueles marcadores de ponteiro, dourado e florido, que lembrava uma antiga coluna coríntia. E a luz do elevador oscilou. Primeiro uma vez. Depois duas. Na terceira, apagou por completo. Sarah deduziu que não poderia ser falta de energia, pois o elevador continuou descendo. Chegou mais perto da porta e ficou observando o marcador, que passou do térreo e dos dois andares do subsolo. E continuou descendo, durante alguns segundos, antes de parar e, por fim, abrir a porta.

Era completamente escuro. Sarah ficou imóvel durante uns dois minutos, e pressionou os botões do elevador na intenção de subir. *Ah, agora sim é energia*, pensou Sarah, ironicamente. Seus olhos haviam se acostumado com a escuridão, e Sarah pode contemplar um corredor com paredes velhas e manchadas com algo que lembrava mofo. Ao ir avançando, viu que muitas das manchas eram realmente mofo - ao passo que algumas eram como grandes manchas de sangue seco. *Preciso achar uma escada*, pensou que seria a coisa mais lógica a se fazer. E ouviu alguém gritar seu

nome.

Era Wagner. Só podia ser Wagner. Correu até a fonte da voz, entrando por corredores tortuosos e escuros. Duas ou três vezes Sarah bateu em alguma parede, e caiu uma delas. Mas continuou a ouvir aquela voz e permaneceu determinada a encontrá-la. Continuou, e a voz foi ficando cada vez mais forte e mais próxima, e então Sarah o viu.

Wagner estava como morrera, desfigurado pelo acidente. Sua cabeça estava amassada e aberta, com cacos de vidro e metal retorcido. O único olho que sobrara estava projetado para fora, estufado, lembrando bastante uma bola de *baseball*. Seus ombros estavam esmagados, um dos braços completamente destituído de qualquer estrutura óssea.

- Sarah, me ajude! - Wagner gritava, completamente desesperado - Pelo amor de *Deus*, me ajude!

E foi andando em sua direção. Sarah deu alguns passos para trás antes de se virar e correr. E correu, como nunca havia corrido antes, em toda a sua vida. Foi quando Sarah tropeçou. Era pequeno, da altura da sua cintura, e caiu. A coisa caiu por cima dela, e tinha uma textura, de certa forma, pegajosa, mas seca. Alguns instantes após a queda, Sarah pode ver o que era. Ou melhor, *quem*.

## Insônia - Capítulo XIII

Era Ian. Só podia ser Ian. Estava na mesma situação de Wagner, mas ligeiramente diferente: Ian estava todo queimado, com uma textura pegajosa e seca. Suas cavidades oculares estavam vazias e escuras. Quando Sarah percebeu que era seu filho, o abraçou tão forte que pensou ter esmagado ele. Mesmo naquelas condições, seu filho lhe parecia doce, com a mesma inocência e pureza de uma criança. Sarah o abraçou, gritou seu nome e chorou. Chorou muito, até não aguentar mais, e até perceber que estava sozinha novamente. Completamente sozinha naquele lugar escuro e estranho. Ian estava em seus braços, mas agora ele havia sumido, como num passe de mágica. Sarah perdeu mais alguns minutos sentada ali, chorando, lembrando, morrendo. Decidiu levantar-se e sair daquele lugar, e começou a andar. Finalmente, viu uma luz no final do corredor, à direita. Correu até ela, e achou o elevador. O elevador estava ligado agora, e aceso. Sarah entrou, apertou o botão do último andar e aguardou pacientemente sua subida. Quando chegou, para sua surpresa, as coisas pareciam as mesmas de antes. Era como se Sarah estivesse ficando maluca. Foi até o seu quarto, abriu a porta e encontrou alguém dormindo sobre uma máquina de escrever, ao lado de

um cinzeiro cheio de bitucas e uma garrafa de Jack Daniels pela metade. Olhou em volta, procurando suas coisas, mas em vão. As memórias a torturavam, como facas que penetram em corpos desavisados. Não podia mais suportar a dor. Não conseguiria mais. Não sozinha. Então foi até a janela, com um turbilhão de pensamentos na cabeça e dor em seu coração. A janela estava aberta, e fazia frio. Sarah olhou o movimento na rua, observando aquele caos. E se entregou nas mãos da gravidade, que agora era sua única salvação e sua única amiga. Fechou os olhos e mergulhou na direção do fim, chorando e sussurrando o nome de Ian.

E o doce beijo da morte a silenciou.

## Em algum lugar no inferno – Capítulo I

Frank desceu do taxi com pressa. Era a primeira vez que estava numa cidade grande, e chovia muito. Saiu com suas malas e correu para dentro do hotel, o que não ajudou muito – seu chapéu e seu sobretudo já estavam molhados.

Entrou no hotel com ar desconfiado. *Está muito vazio, pensou sozinho, mas foda-se, de qualquer forma é melhor assim.* Frank não era do tipo que fazia amigos em qualquer lugar. Era ranzinza, bravo, irritadiço.

*Pois não?*, lhe perguntou o homenzinho esquisito atrás do balcão. Ele tinha no máximo 1,65m, cabelos castanhos cuidadosamente penteados para trás e, aparentemente, um olho de vidro. *Quarto 923, por favor, já pagando o velho estranho.* Sem mais perguntas, o velho lhe entregou as chaves, e Frank imediatamente subiu para o seu quarto. *Adorei esse lugar, pensou ao entrar no antigo elevador.*

Chegou no quarto ainda meio molhado. Entrou, trancou a porta e jogou as malas no canto. Tirou o chapéu, o sobretudo, o paletó e os sapatos, pegou uma garrafa de Jack Daniel's dentro da sua mala, acendeu um *luckie* e sentou na cama. Tinha um encontro com um

grande editor no dia seguinte, então decidiu que iria tentar descansar. Terminou o cigarro enquanto se despia, tomou uns tragos do velho Jack e, por fim, adormeceu.

## Em algum lugar no inferno – Capítulo II

Era escuro como uma caverna. Frank não conseguia enxergar um palmo à frente do nariz. Procurou seu *Zippo* nos bolsos, e o encontrou; quando tentou acender, aparentemente estava sem fluído o suficiente. Pegou um cigarro, colocou na boca e tentou acender o isqueiro mais algumas vezes, sem parar, até que conseguiu uma chama fraca, mas suficiente para acender o cigarro. A brasa do cigarro fornecia a única esperança de luz que ele tinha naquela escuridão. Foi andando para frente, com o cigarro na mão, tentando enxergar alguma coisa. E ouviu um barulho estrondoso, vindo das profundezas do inferno, como se um titã martelasse algo contra o chão. Sentiu o chão tremer com a pancada. Mais uma. E mais uma, até que, por fim, o chão se partiu em dois, deixando Frank do lado direito da vala – uma fenda infinita e escura como os *canyons* norte-americanos. Frank encostou as costas na parede, procurando alguma segurança, o que, obviamente, não ocorreu. Estava assustado como uma criancinha.

Frank deu mais alguns passos para frente, tentando se esquivar daquela fenda enorme. E, olhando para baixo, foi que ele viu uma luz se aproximar. Uma luz forte, tão

forte que o cegou temporariamente, fazendo com que levasse às mãos aos olhos, e desequilibrasse rumo à fenda. E Frank caiu.

Durante a queda, abriu os braços, numa atitude desesperada de se salvar, talvez, e, quando abriu os olhos, pode ver uma criatura gigantesca, exatamente como um titã, mas que ardia em fogo e lava. Possuía vários chifres e uma boca enorme, que cuspia fogo. Seus olhos eram duas bolas enormes, flamejantes, como dois sóis numa eterna explosão. A criatura abriu a boca, e Frank caiu dentro dela, sentindo o fogo queimando sua carne e destruindo seus ossos, e então tudo ficou escuro novamente. Tão escuro quanto como ele viu pela primeira vez.



## Em algum lugar no inferno – Capítulo III

Frank acordou assustado. E estava meia hora atrasado. *Putá que pariu!*, pensou, colocando o sapato rapidamente, pegando as roupas e se dirigindo ao banheiro. Frank suava frio, e suava horrores. Parou na frente do espelho e se olhou nos olhos. Era como se não fosse ele. Era outra pessoa. Outra coisa. *Relaxa, Frank, foi só um pesadelo*, resmungou, jogando água em sua face. Terminou de se arrumar rapidamente, pegou sua mala de negócios e saiu.

Passou tão rápido pelo saguão que nem notou que o intrigante e irritante senhor não estava ali. Era uma garota loira, alta, bonita, de no máximo 22 anos. Mas Frank não a viu, e saiu correndo. Chamou um táxi na porta do hotel, entrou e disse o endereço ao motorista, que tratou de leva-lo o mais rápido possível.

Chegando ao prédio da editora, perguntou à recepcionista do sr. Truman. O sr. Truman era o editor responsável, e o cara com quem tinha uma reunião há quase uma hora atrás. *Décimo andar*, a menina respondeu, e ele subiu, meio apavorado.

No elevador, pensava mil coisas. Sua cabeça estava cheia de pensamentos. Era uma oportunidade e tanto, e ele sabia disso. Mas já tinha começado mal.

*Entre, disse o sr. Truman, já tinha quase desistido de você. Frank entrou, se sentou e pegou a cópia do livro. Literatura de horror, ahn? Vende bem por essas bandas... vou analisa-lo com muito cuidado, e entro em contato dentro de dois dias. E, por favor, sem atrasos da próxima vez.*

*Sim senhor, respondeu, meio envergonhado, pegou suas coisas e saiu, de volta para o hotel.*

## Em algum lugar no inferno – Capítulo IV

Estava em um lugar escuro, e estava deitado. Tentou se mexer, mas foi em vão. Os braços e as pernas se movimentavam ligeiramente, como se estivesse dentro de um caixão. E, tecnicamente, era. Para ser mais exato, uma gaveta. Frank começou a se debater, dando murros na parte superior da caixa. Um som metálico ecoava em seus ouvidos a cada batida, e Frank estava ficando louco. E então alguém abriu a gaveta.

Frank já não conseguia mais se mexer. Viu três médicos, vestidos de branco, e conseguiu ler *Dr. Klingermann* na lapela do doutor careca que jogou a lanterna em seus olhos. *Está morto*, disse para os outros dois, tocando o rosto de Frank e colocando os dedos indicador e médio em sua jugular, para verificar a pulsação. E, durante esses poucos segundos, Frank sentiu como se fosse uma eternidade – a vida acontecia ao seu redor e ele estava incapacitado de ter alguma reação. Não sentia dor, não sentia amor, não sentia mais nada. Só desespero.

Frank estava morto, mas seu consciente ainda não sabia disso.

## Em algum lugar no inferno – Capítulo V

Acordou com o rosto nas teclas de sua máquina de escrever. E, pra variar, assustado como uma menininha. *MAS QUE MERDA!*, gritou, apavorado, antes de bater a mão no cinzeiro e derrubar quase 30 bitucas de cigarro no carpete do hotel. Por sorte, nenhum deles estava aceso.

Olhou o relógio. 18:00hs. Havia dormido durante a tarde, após o encontro com o sr. Truman. E dormiu a tarde inteira. O mais estranho é que Frank não se lembrava do que havia feito no hotel – a última coisa da qual se lembrava era ter saído da sala do sr. Truman. E ter acordado na gaveta de um necrotério. *Esses sonhos estão ficando cada vez piores*, pensou. *Talvez eu esteja bebendo demais* – disse para si mesmo, como se procurasse uma solução ou algo assim. Pegou seu sobretudo e seu chapéu, seu maço de *luckies* e saiu.

*Talvez o ar da cidade grande seja bom.*

*Talvez me faça bem.*

*Uma cerveja, um bar, por que não?*

*Vai lá, a loira olha pra você com desejo.*

*Leve ela até o banheiro.*

*Tire sua roupa.*

*Corte sua garganta.*

*Esquarteje seu belo corpo.*

*E pinte um quadro.*

*Sim, Frank, pinte um quadro.*

*Um quadro de sangue.*

*Um quadro de morte.*

*Eu sou você, Frank.*

*Nós somos um.*

*Escute, aceite, obedeça.*

E essa conversa com si mesmo durou uma noite inteira, que foi desperdiçada andando pra cima e pra baixo, tendo pensamentos doentes e malucos.

Voltou para o hotel às 4hs da manhã. O senhor-esquisito-do-olho-de-vidro estava dormindo. Passou silenciosamente pelo saguão, cogitando a possibilidade de ser um ladrão – se fosse, seria bem sucedido,

porque o senhorzinho estava dormindo como uma pedra. Chegou até o quarto, tirou os sapatos, jogou o sobretudo e o chapéu por cima da cadeira, tirou a gravata e dormiu, esperando não ter mais nenhum sonho maluco daqueles.

## Em algum lugar no inferno – Capítulo VI

Acordou com alguém batendo na porta. *Serviço de quarto, senhor.* Levantou a cabeça e olhou para o relógio. 12:45. E uma puta ressaca.

*Vá embora!*, gritou , ainda deitado.

*O senhor não tem fome? Eu trouxe o almoço.*

Então Frank pensou duas vezes, se levantou e abriu a porta. O rapaz parecia meio assustado pela reação de Frank, mas Frank nem sequer notou. Deu umas moedas para o pobre rapaz, que saiu rapidamente, dando espaço para que Frank pudesse fechar a porta e tentar comer alguma coisa. Frango frito com arroz. *Ok, melhor que nada*, pensou sozinho. Sentou-se na mesa, abriu espaço para o prato, colocou uma dose dupla de Jack no copo e comeu.

Depois do almoço, Frank decidiu tomar um banho e sair para conhecer um pouco da cidade, enquanto ainda fosse dia. E saiu, sem rumo, andando por ai.

Estava embasbacado com a beleza da cidade grande. Tinha crescido num ambiente completamente diferente, com paz e verde para todo lado. Agora, só via cinza e

tudo era caos. Mas, estranhamente, aquele caos o acalmava. Era como se aquele caos estivesse sempre dentro dele, como um monstro no abismo, e que a cidade grande acordou.

E que não queria mais dormir.



## Em algum lugar no inferno – Capítulo VII

Acordou cedo, e bem, pois não tinha bebido muito no dia anterior. Havia um recado em seu quarto. O editor Truman solicitava sua presença em seu escritório. Frank arrumou suas coisas e partiu rumo ao seu futuro.

Depois de algumas horas acertando a parte legal dos negócios, Frank estava livre, e satisfeito. Conseguiu fechar o acordo com o sr. Truman, e seu livro estaria sendo lançado dentro de 3 meses. Era o que Frank mais queria, ser reconhecido pelo seu trabalho. Havia lutado muito para chegar até ali. E, depois da doce vitória, decidiu comemorar. Foi até o bar próximo do hotel, onde já tinha parado algumas vezes, e ali ficou o dia inteiro, comendo, bebendo e se divertindo. Fez alguns amigos, conversou com bastante gente e foi para o hotel. Fazia tempo que Frank não socializava com as pessoas, mas era uma comemoração, então não fazia diferença. Chegou meio cansado, mas feliz, tirou a roupa e se jogou na cama, sem nenhuma lembrança daqueles pesadelos estranhos que estavam o preocupando.

## Em algum lugar no inferno – Capítulo VIII

Frank chama o elevador. E espera. Cerca de dez minutos depois, o elevador ainda não está ali. Impaciente que só, decide usar as escadas. Estava no quinto andar, logo não era uma caminhada muito grande – e, pra baixo, todo santo ajuda. Sendo assim, começou sua descida.

Alguns lances de escada depois, quando chega ao térreo, vê a porta que, aparentemente, seria a de saída, mas ela está lacrada com pedaços de madeira. Frank achou estranho, mas como viu outra porta ao lado, não se preocupou tanto e decidiu abri-la. E se deparou com um corredor escuro. Mais escuro do que qualquer outra coisa que já tenha presenciado. E entrou no corredor, apreensivo e um pouco apavorado.

Ouvia gritos e gemidos muito altos, como se estivessem sendo amplificados. Frank sentiu um frio na espinha, como se tivesse aberto os portões do inferno. Olhou para trás na intenção de voltar e, para sua surpresa, a porta não estava mais lá. A essa altura, o medo já o dominava quase por completo. Atordoado, sem direção e sem opção, decidiu correr para frente, na

esperança de encontrar uma saída. E os gritos nunca cessavam.

Correu alguns minutos na total escuridão, e não encontrou portas nem janelas. Cada vez mais apavorado, já estava perdendo as esperanças e sentindo suas pernas doerem. Foi quando conseguiu enxergar, com dificuldade, uma luz no final do corredor. Como se suas forças tivessem sido renovadas, correu até a luz, que ia se aproximando cada vez mais. Conforme foi chegando mais perto, pode notar uma porta com uma pequena janela na parte superior. No embalo da corrida, Frank abriu a porta com um estrondo e caiu, como se tivesse pulado de uma janela. Atingiu o chão com um baque ensurdecedor, e sentiu o concreto se unificar com sua carne, como se fossem um só.

E então, tudo se transformou em escuridão.

## Em algum lugar no inferno – Capítulo IX

Voltou a si quando abriu os olhos. Estava deitado na cama do hotel, com o tórax voltado para o teto e a cabeça caída para o lado direito. Levantou-se, tomou um banho gelado e ficou pensando naqueles sonhos malucos que andava tendo. Frank não sabia mais o que pensar sobre aquilo. Era como se aqueles sonhos estivessem o dominando, e Frank sentia uma dor como se alguém queimasse seus ossos. Terminou o banho, fez a barba, pegou seu sobretudo e saiu para um café.

Havia um charmoso café a algumas quadras dali, e Frank decidiu parar ali para observar um pouco daquele caos da cidade grande. *Um espresso, por favor*, para a garota ruiva que lá trabalhava. Não era uma garota bonita, mas também não era feia, e Frank ficou alguns instantes observando a garota se movimentar pra lá e para cá. Tomou seu espresso, fumou um cigarro e tomou algumas notas. Depois de pensar muito sobre o assunto, Frank decidiu que seria interessante registrar esses sonhos, para posteriormente uma análise ou, quem sabe, um novo livro. Quer dizer, escrevia histórias de terror, e estava realmente aterrorizado. Nada seria melhor do que isso.

De volta para o hotel, senta na frente da sua máquina de escrever e começa a registrar seus sonhos. Algum tempo depois, com o material em mãos, coloca uma dose do velho Jack, acende mais um cigarro e lê seu próprio trabalho. Mas alguma coisa aconteceu. Frank não se lembrava de ter escrito o que estava lendo – era como se ele nunca tivesse tido esses pesadelos. Eram como uma coisa completamente nova para ele. E, o que mais o espantou, foi que, no final do documento onde Frank havia escrito o seu nome, havia outro nome lá. *Mark J. Romanov. Que diabos!*, pensou Frank, dando alguns tapas em sua própria face, tentando se recompor de alguma forma. Jogou os papéis na cama, e foi até a janela. Abriu-a. Ficou ali por alguns instantes, olhando o céu fechado pelas nuvens cinzas da chuva. Teve a leve sensação de estar sendo observado, mas quando olhou para trás, lembrou que estava sozinho, trancado naquele quarto de hotel. Talvez estivesse esperando alguma explicação. Talvez um porquê. Talvez nem Frank sabia o que estivesse esperando.

Então decidiu que, para sua saúde mental, a melhor coisa no momento seria dormir. E foi o que fez.

## Em algum lugar no inferno – Capítulo X

Estava em casa. Sua mãe cozinhava, enquanto Frank corria de um lado pro outro, brincando com tudo que encontrava. Sua mãe gritava. E Frank ria. Ela tentou segurá-lo, em vão. Ele sempre conseguia escapar. Esse pega-pega durou alguns minutos, e então sua mãe conseguiu o agarrar. E, quando o fez, grudou as duas mãos em seu pescoço e começou a estrangulá-lo. Pressionava tão forte que Frank podia sentir suas unhas perfurando sua garganta. Sentiu o sangue escorrer para o peito, tentando gritar e se soltar daquelas mãos que o agarravam. E então sua mãe gritou: *OLHE PARA MIM! OLHE NOS MEUS OLHOS!* E foi o que Frank fez.

Quando olhou nos olhos de sua mãe, o que viu não era humano. Era mais parecido com um demônio, algo com muito ódio, com as feições disformes e obviamente, muito amedrontadoras. Frank ia ficando cada vez mais apavorado e cada vez mais fraco, e ouviu sua 'mãe' sussurrar em seu ouvido: *agora, você é meu!* E Frank apagou.

Acordou em uma cama de hospital. Sozinho. Havia apenas uma luz fraca no teto, que balançava suavemente e oscilava de vez em quando. Se viu

ligado a máquinas que nunca havia visto na vida, e tubos que perfuravam seu corpo injetavam nele uma substância desconhecida. Assustado, levantou e removeu esses tubos, fazendo com que o líquido que estava sendo injetado se espalhasse por todo o quarto. Era um líquido negro e espesso, algo que lembrava petróleo. E uma enfermeira abriu a porta.

A princípio, Frank só podia ver sua silhueta. Conforme foi entrando no quarto, Frank pode ver melhor. Era sua mãe. De novo. Mas ela estava mais jovem, mais bonita. Muito sedutora. E Frank sentiu uma calma invadir seu ser, e se deitou. Sua mãe então deita-se por cima dele, e começam a se beijar. Se amam freneticamente na cama do hospital, e quando Frank está prestes a gozar, ela sussurra novamente em seus ouvidos, dizendo: *you are condemned, Frank. Condemned to suffering. Condemned to despair. Condemned eternamente.*

Nesse momento, Frank tenta empurrá-la, tirá-la de cima dele. Mas é como se ela tivesse se transformado em pedra. Seu peso fica absurdamente maior, e Frank sente os ossos da sua bacia se romperem. Sente sua carne sendo esmagada, como se um rolo compressor estivesse passando por cima de suas pernas. E num último grito desesperado, Frank conseguiu acordar.

## Em algum lugar no inferno – Capítulo XI

Novamente, Frank acordou com batidas em sua porta. *Serviço de quarto!*, alguém gritou lá de fora. Levantou, completamente atordoado, sem saber direito o que aconteceu, e se dirigiu até a porta. Quando a abriu, viu o senhor ranzinza do olho de vidro. *Posso entrar?*, pediu e, antes de uma resposta, já foi invadindo o quarto e falando:

- Vá embora daqui. O mais rápido possível.
- Não posso. Daqui 3 dias tenho outra reunião com a editora.
- Não tem não. Você já está morto, só que você ainda não sabe.
- Isso é algum tipo de ameaça? Não estou compreendendo o senhor.
- Esse hotel é amaldiçoado, Frank. E ele quer você.
- Como assim?
- Longa história.



- Não acredito em você.

- E os pesadelos?

Então Frank ficou pálido como uma folha sulfite, e sentou-se na cama.

- O que o senhor sabe sobre isso?

- O demônio vive aqui, Frank. E ele quer sua alma.

- Vá embora! – se irritando com o velhote, e o colocando para fora do quarto à força.

- Você vai se arrepender, Frank! VAI SE ARREPENDER, E MUITO!

Fechou a porta numa porrada só, sentou-se na cama, apoiou sua cabeça em suas mãos e desabou a chorar.

## Em algum lugar no inferno – Capítulo XII

Algumas horas depois, conseguiu se recompor. Já passava da hora do almoço quando Frank decidiu sair do quarto. Passou pelo saguão, olhou o velho nos olhos e saiu, com ódio no coração e medo em seus pensamentos. Andou a cidade, pra cima e pra baixo, sem pensar em nada, sem um caminho, sem nenhum lugar para ir. Apenas andou, na esperança de se esquecer de tudo aquilo, de todo aquele pesadelo que a vida estava se tornando. Andou durante horas, até sentir seus pés doerem, e então sentou-se em uma praça vazia, que aparentava estar abandonada há algum tempo. Ali ficou com seus pensamentos e seu maço de cigarros, a tentar entender o que estava acontecendo com sua pessoa. Procurou ser o mais racional possível, pois Frank não era do tipo que acreditava nessas coisas. Sempre fora um cético, nunca acreditara na igreja, na bíblia ou coisas do tipo. Muito menos em demônios. Mas agora Frank temia que isso tudo fosse real, e tudo em que acreditava estava sendo posto em dúvida. Passou o resto do dia ali, pensando, tentando compreender todo aquele furdunço.

Já era noite quando resolveu voltar para o hotel. E, novamente, encarou o velho com olhar desconfiado e raivoso, antes de subir para o seu quarto. Sentou-se novamente na sua máquina de escrever, e começou a relatar tudo o que estava acontecendo. Nessa, perdeu umas duas ou três horas. E então, se lembrou daquele texto onde estava escrevendo seus pesadelos. Resolveu lê-lo novamente. E a mesma sensação estranha. O mesmo nome estranho. Frank realmente não se lembrava daquele nome, nem de como tinha ido parar ali. Leu, releu, e leu tudo junto. Organizou em forma cronológica, colocou os papéis sobre a mesa, derrubou uma dose dupla de whisky no copo e foi até a janela novamente. Isso o ajudava a pensar.

*O que está acontecendo? Até minha falecida mãe aparecendo nesses sonhos malucos... acho que estou ficando louco. Não pode ser. Não há outra explicação.*

Terminou seu copo, tirou os sapatos, e deitou na cama. Mas aquela noite Frank não conseguiu dormir.

## Em algum lugar no inferno – Capítulo XIII

Passou a noite em claro, e viu o dia nascer. Era o penúltimo dia naquele hotel infernal. Está acabando, Frank, seja forte, dizia para si mesmo enquanto lavava o rosto. Penteou os cabelos, se arrumou e saiu. Não suportava mais ficar dentro daquele lugar. O próprio hotel já causava um certo pânico em Frank. Saiu para um café da manhã. Comeu, andou pela cidade e acabou entrando em um bar. Um jogo de futebol estava sendo transmitido na televisão, e alguns torcedores ali estavam a fazer estardalhaço, entoando canções dos seus times e bebendo alegremente. Frank pediu uma cerveja e sentou-se no canto mais escuro do local. Com uma caneta e alguns guardanapos, começou a rascunhar algumas ideias. Já tinha, praticamente, um livro pronto; bastava lapidá-lo. Aquele hotel estava dando muita história. Histórias até demais.

*Mais uma?*, perguntou o homenzarrão detrás do balcão. Frank apenas acenou com a cabeça. Nessas, acabou tomando umas 20 garrafas de cerveja. Saiu do bar trançando as pernas, mas de certa forma bem, pois já não pensava mais nos sonhos, nem no velho, nem no hotel. Voltou para o seu quarto, bêbado como um porco, e simplesmente desabou na cama.



## Em algum lugar no inferno – Capítulo XIV

Frank acordou com milhares de mãos puxando e segurando seus braços e pernas. Apavorado, se debateu na cama para se livrar daquelas mãos. Eram como zumbis, mortos, gelados e pálidos. Mas eram apenas mãos. Milhares delas. Em um pulo, conseguiu ir da cama até o banheiro. Entrou e trancou a porta o mais rápido que pode, temendo o pior. E ouviu uma batida forte na porta. Duas. Três. E elas começaram a aumentar, em volume e em intensidade. Frank começou a entrar em um desespero profundo, e procurava em vão algo com que pudesse se defender.

Cada vez mais em estado de choque, começou a ouvir uma voz doce que sussurrava em seus ouvidos – *a corda, Frank, use a corda*. Somente a força poderá acabar com teus sofrimentos. E Frank realmente achou uma corda. Como se estivesse numa espécie de coma induzido, ou hipnose, pegou a corda e preparou um nó de força. Enquanto isso, as batidas iam aumentando cada vez mais. Frank, num rápido jogo de olho, viu que a porta estava começando a rachar. Olhou para a força sem saber o que fazer, esperando que aquela voz lhe desse outro conselho.

*Olhe para cima, Frank. Apenas olhe para cima.*

E foi o que ele fez. O teto do quarto do hotel tinha ripas de madeira com pequenos espaçamentos entre elas, num estilo rústico-artístico. Frank subiu na privada, passou a corda por esse espaçamento e amarrou a forca.

*Agora, Frank, descanse em paz.*

Sem pensar novamente, colocou sua cabeça na forca e deixou seu corpo se soltar, sem nenhuma dor ou medo.

A porta se rompeu num estrondo assombroso, e Frank pode ver aqueles seres – eram humanos, mas eram realmente como zumbis, mortos, putrefatos, pálidos. Milhares deles. Pareciam tantos que nem caberiam naquele pequeno quarto de hotel. E a última coisa que Frank sentiu foi o toque gelado daquelas criaturas, como se o tocassem nos ossos.

E então Frank dormiu para nunca mais acordar.

## A dinastia do medo – Capítulo I

Andava despreocupado, de certa forma. E, claro, de olho nos hotéis. Apesar de ser um pouco desligado, Mark era bastante observador – e não pode deixar de notar aquele hotel colossal, em estilo gótico. O saguão era bastante grande, e muito limpo e bem arrumado. Os móveis eram todos rústicos, como nas antigas casas de campo. *É, posso passar alguns dias aqui,* pensou. E entrou no hotel.

Havia uma senhora de mais ou menos 70 anos atrás do balcão, e ela prontamente perguntou:

- Posso ajuda-lo, senhor?
- Um quarto, por favor.
- 30 a diária.
- Ok. Pago depois.
- Quarto 923, quinto andar.
- Muito obrigado – disse, com um sorriso cordial. E viu que a senhora também sorriu.



Mark se dirigiu até o elevador, e viu que uma ruiva fenomenal também estava a espera do elevador. Olhou para ela timidamente, deu um sorrisinho discreto e olhou para os ponteiros do elevador. Quarto andar. Era um elevador bem antigo, pois o ponteiro estava um pouco desgastado e os números eram marcados por algarismos romanos. Segundo andar. Continuou observando o elevador, com lances rápidos de canto de olho para olhar para o belo par de pernas que estava ao seu lado. Térreo. As portas se abrem, e um senhor de meia idade diz *sobe*, com ar de cansado, ou puto da vida. O elevador é bastante grande, com um espelho no fundo, o que dá a impressão de que ele tem o dobro do tamanho que realmente tem. A ruiva diz *terceiro andar*, e Mark diz *quinto andar*, e o senhor esquisito fecha a porta do elevador e começam a subir. A ruiva dá um sorriso de adeus antes de descer do elevador, e Mark se dirige para o quinto andar.

Chegando no quarto, Mark tira os sapatos, coloca a mochila em cima da cama e cai nela também. Passa alguns segundos deitado, como se estivesse testando a procedência da cama. Levanta e vai até o banheiro, lava as mãos, olha o espelho e confere. Tudo ok. Tudo limpo. Quando Mark sai do banheiro, pisa em alguma coisa. Alguma coisa quadrada, e que machucou seu pé. Abaixa para pegar o objeto e consegue ver o que é: uma tecla de máquina de escrever. *Mas que diabos*

*isso está fazendo aqui?*, pensou, antes de jogar a tecla *F* no lixo. Deitou na cama, ligou a televisão e como já era tarde, não demorou muito a pegar no sono.

## A dinastia do medo – Capítulo II

Mark estava em casa, sentado no sofá da sala, e lia um livro. Mas era como se ele estivesse assistindo a uma festa, e não participando dela, numa espécie de viagem astral. Possuía agora um corpo etéreo, e não um corpo físico. Mark se aproximou de si mesmo e pode notar que lia um livro de capa negra, com um símbolo que não conhecia na capa. Tentou se lembrar daquilo, daquele momento, daquele livro, e nada lhe ocorreu. Então Mark viu a si mesmo levantar do sofá e fazer algum tipo de sinal com as mãos, algo parecido com libras. E nesse momento, viu seus olhos se tornarem negros como a capa daquele livro, e olharem fixamente em seus olhos. Mas não eram seus olhos. Não era seu olhar. Eram olhos negros como petróleo, densos e sombrios. E Mark sentiu aqueles olhos o engolirem num abraço de dor.

Em meio àquela escuridão, Mark podia ouvir gritos de agonia e dor, que ecoavam pela sua mente. Gritos de socorro, barulhos de armas e explosões que não sabia de onde vinham. Até que a escuridão se transformou em luz, e o silêncio venceu o barulho. E Mark pode ver novamente. Dessa vez, estava no hotel, deitado na cama, e dormia tranquilamente. Ouvia um barulho na

porta, e olhou para ela. A porta se abre vagarosamente, e um homem com um robe negro adentra seu quarto. Completamente desesperado, tenta retornar ao seu corpo, tenta tocá-lo, e tudo é em vão. O estranho homem olha para seu corpo, retira uma faca ritualística da cintura e se aproxima, recitando uma oração em uma língua completamente desconhecida. Mark, cada vez mais apavorado, tenta proteger seu corpo físico, e o homem continua a recitar aquela oração. Então, dá suas últimas palavras e levanta a faca acima de sua cabeça, num último gesto de sacrifício.

Mark sentiu seu coração sendo atingido em cheio por aquela faca pontiaguda e larga, e sentiu sua vida sendo drenada por ela. Não esboçou nenhum sentimento em seu corpo físico, porém seu corpo etéreo gritou e caiu, atravessando a matéria, até os confins do centro da terra, onde o calor o consumiu por completo.

## A dinastia do medo – Capítulo III

Suava muito quando acordou. *Putá que pariu!*, exclamou em voz alta. Foi a primeira coisa que fez, e sentiu até um pouco de vergonha de si mesmo. Levantou, olhou para o próprio peito e passou a mão direita sobre o tórax, talvez procurando alguma ferida ou algo do tipo. Nada. Absolutamente nada. *Acho que preciso de um banho*, pensou sozinho enquanto se levantava.

Depois de seu banho, pediu o café da manhã. Em questão de minutos, uma camareira de uns 30 anos de idade, morena, olhos verdes e muito bonita chegou com sua comida. *Obrigado, querida*, agradeceu antes que ela fosse embora, o agradecendo com um sorriso jovial e inocente. Sentou-se a pequena mesa em frente a cama, e começou a comer. Notou a existência de duas gavetas ali, e, por curiosidade, abriu-as.

Na primeira gaveta, nada.

Na segunda gaveta, um bolo de papel. Com seu nome escrito.

*Mas que porra...*

Não havia capa. Apenas seu nome escrito em letras vermelhas, como de uma máquina de escrever.

*Durante a queda, abri os braços, numa atitude desesperada de me salvar, talvez, e, quando abri os olhos, pude ver uma criatura gigantesca, exatamente como um titã, mas que ardia em fogo e lava. Possuía vários chifres e uma boca enorme, que cuspiu fogo. Seus olhos eram duas bolas enormes, flamejantes, como dois sóis numa eterna explosão. A criatura abriu a boca, e caí dentro dela, sentindo o fogo queimando minha carne e destruindo meus ossos, e então tudo ficou escuro novamente. Tão escuro quanto como vi pela primeira vez.*

*Mas que diabos é isso?*, se perguntou, virando as páginas como um maluco. Não tinha muitas páginas, umas 10 ou 15 no máximo, e Mark pode ver que elas não estavam (ou não tinham) uma ordem cronológica. Mark colocou aqueles papéis de volta na gaveta, colocou sua jaqueta e saiu, fechando a porta com um barulho estrondoso.

Visivelmente abalado, pegou o elevador. A mesma camareira que havia levado o café da manhã em seu quarto estava nele. Mas foi como se Mark nem a tivesse notado. Ela estava no canto, e Mark parou próximo a porta. Impaciente, apertou o botão térreo

umas três ou quatro vezes, como se aquilo pudesse ajudar em alguma coisa. Estava de costas para a camareira, e não percebeu quando ela veio sorrateiramente por trás e passou um garrote em seu pescoço, segurando – o para trás e jogando seu peso contra seu corpo. *Agora você é meu!*, uma voz grave que, obviamente, não era de uma mulher, sussurrou nos ouvidos de Mark. *Você é meu!* Sua visão foi ficando cada vez mais turva, e seu corpo cada vez mais fraco, e Mark caiu desmaiado, como um boneco de pano nas mãos de um ventríloquo.

## A dinastia do medo – Capítulo IV

Acordou com um chute no estômago. Um bando de garotos estava batendo em Mark, que levantou e os colocou para correr. Estava em uma sarjeta, num beco escuro que não conhecia, e estava todo sujo. Sua roupa tinha manchas vermelhas, que lembrava sangue. Mark olhou para si mesmo, se tocou durante alguns segundos e descobriu que, se aquelas manchas fossem realmente sangue, não eram dele. Mais essa agora, falou consigo mesmo. Levantou, bateu a mão nas roupas sujas e foi em direção à rua, para tentar descobrir onde estava. Mark estava parecendo um mendigo, e o mais estranho de tudo era que ele não se lembrava de nada, a não ser de ter saído do quarto do hotel e tomado o elevador. Lembrava-se também de um bolo de papéis com seu nome que estavam na segunda gaveta da cômoda do hotel. *Claro! Aquilo deve conter uma explicação*, pensou sozinho, e foi se dirigindo ao hotel.

Ao chegar lá, notou que não era a simpática senhorinha que estava no balcão, mas sim um estranho senhor, que aparentava também seus 75 anos, mas tinha um olho de vidro, o que lhe dava uma aparência um tanto quanto bizarra. Mark entrou, e, nesse momento, o



senhor já veio para cima dele, perguntando, com ar desconfiado:

- Pois não?

- Estou hospedado aqui. Quarto 923.

- Ah, claro. E eu sou a Rainha da Inglaterra.

- Estou falando sério!

- Nome?

- Romanov. Mark.

- Está com a chave, pelo menos?

E nesse momento, Mark se lembrou da chave e a procurou nos bolsos. Sem sucesso.

- Não.

- E então? Como me prova que é de fato o sr. Romanov?

Mark encontrou uma passagem de ônibus em seu bolso, e que continha seu nome.

- Isso serve? – perguntou para o senhor ranzinza, que já estava perdendo a paciência.

- Deixe me ver... hmph... ok. Mas cobramos taxas adicionais por chaves extras.

- Tudo bem, eu pago.

O senhor foi até o balcão, sacou uma chave extra, colocou uma plaqueta com o número do quarto e deu na mão de Mark.

- Mais cuidado da próxima vez. – disse, virando as costas.

Mark não se deu ao trabalho de responder, e correu para o quarto. Pensou em pegar o elevador, mas achou que seria mais rápido ir de escada. O quinto andar não era tão longe assim.

Chegando no quarto, foi até o criado onde tinha encontrado os papéis. Procurou os mesmos, e não os encontrou. *Putá que pariu!*, gritou a plenos pulmões, como se tivesse a sensação de que estivesse enlouquecendo. Desabou na cama, com os braços abertos e a cabeça para cima, e essa foi a última lembrança de Mark daquele dia estranho e maluco.

## A dinastia do medo – Capítulo V

Mark chorava. Era apenas uma criança. Estava deitado na maca de um hospital, com sua mãe ao seu lado e um médico conversava com ele. Pode ler o nome do médico – Dr. Klingermann – enquanto conversavam. Mark, aos onze anos de idade, tinha tido uma fratura exposta, que o fizera perder 2% do braço esquerdo (embora isso não o impossibilitasse de fazer absolutamente nada). O dr. Klingermann conversava com ele sobre o procedimento cirúrgico, e tentava tranquilizar o pobre rapaz. O dr. Klingermann era um senhor de mais ou menos 50 anos, completamente careca e com um sorriso amarelado, possivelmente causado pelo fumo. Era um doutor estranho, no mínimo. E de certa forma, Mark se sentia assustado, ou intimidado na presença daquele homem. Não sabia bem o porquê, mas sabia que ele lhe causava calafrios. Muitos deles.

Alguns minutos depois da conversa, Mark foi transferido para a maca móvel, para poder ser levado até o centro cirúrgico. Lembra de sua mãe segurando sua mão no elevador, momentos antes de entrar para a cirurgia. Lembra-se dos doutores mascarados, e da angústia que sentiu naquele momento, em que não

sabia para onde estava sendo levado, nem ao menos o que iriam de fato fazer com ele. Mark estava apavorado, embora não demonstrasse. Mas isso ainda não era nada.

Ao chegar na mesa de cirurgia, as luzes que estavam acima dele o cegaram temporariamente. Eram luzes fluorescentes muito fortes, que facilmente cegariam qualquer um. Pode contar umas dez pessoas na equipe, e a anestesista veio até ele com um sorriso amistoso.

- Olá, Mark, tudo bem?

- Sim.

- Você está com medo?

- Sim.

- Não fique. Tudo vai acabar bem.

- Eu sei.

- Então relaxe...

E, nesse momento, ela aplicou uma injeção no soro que estava sendo aplicado em Mark, e colocou uma máscara, como aquelas de inalação, no rosto de Mark,

que respirou duas ou três vezes antes de apagar por completo.

## A dinastia do medo – Capítulo VI

Acordou na cama do hotel, relativamente bem. Ainda sujo, pois não havia tomado banho na noite anterior. Decidiu que seria bom um banho, e assim o fez. Novamente, após o banho pediu o café, e novamente viu aquela camareira. No momento em que cruzaram seus olhares, Mark se lembrou do garrote e do elevador. E sentiu uma imensa vontade de agarrá-la pelo pescoço. A olhava com desejo. Desejo de mata-la. E Mark tinha medo desse desejo, pois nunca, em toda a sua história de vida, tinha tido um desejo doentio desses. Tentou se controlar, sorriu para ela sem dizer uma palavra e fechou a porta na sua cara, sem sequer um sorriso ou uma palavra amiga.

Engoliu o café e decidiu partir. Não queria mais ficar naquele hotel. Aquilo já estava se tornando um pesadelo, e alguma coisa dizia para Mark que o hotel tinha a ver com aquilo tudo.

Pegou suas coisas e saiu. Não ia mais de elevador, pois havia ficado com um mau pressentimento. Pegou as escadas e começou a descida. Ao chegar no segundo andar, viu que não haviam mais escadas. Estranhou, e decidiu subir. Subiu até o quarto andar, e

viu que ali também já não tinham mais escadas. Voltou a descer, e, ao chegar no segundo andar, viu uma porta. *Talvez eu consiga pegar o elevador*, pensou. Entrou na porta, e o corredor estava apagado. Os corredores do hotel não tinham janelas – apenas uma, no fim de cada corredor, mas que não era o suficiente para iluminar praticamente nada, somente as pequenas plantas que o pessoal do hotel colocava nelas. Entrou no corredor escuro, um pouco receoso, mas decidiu a sair daquele lugar. Não podia enxergar sequer a luz da janela, talvez por estar longe ou por estar noite. Mark olhou para frente, e foi entrando, sem se perguntar nada ou pensar em nada. Andou durante uns 20 minutos em um corredor completamente escuro, sem portas nem janelas, até que sentiu alguma coisa perfurar todos os ossos do seu corpo, e caiu de joelhos, como numa oração à algum deus todo – poderoso. Não tinha forças para gritar, e uma lágrima amarga escorreu pelo seu rosto antes que batesse a testa no chão e apagasse por completo.

Mark acordou em seu armário. E com a Smith & Wesson de seu pai nas mãos. A última vez que tinha visto sua mãe. E Mark se lembrava daquele dia como se fosse hoje: as armas, os gritos, aqueles homens maus que mataram sua mãe... era a pior lembrança que Mark tinha de sua adolescência. Sua mãe disse: *não importa o que aconteça, não saia daqui. E segure*

*isso o mais forte que puder*, entregando a Smith & Wesson calibre .44 em suas mãos. Através da fresta do armário, Mark pode ver os homens tirando a roupa de sua mãe, e a violentando. Em todo seu medo, Mark não pode fazer nada. Se sentia indefeso, fraco. E então um dos homens veio com um machete em suas mãos, e começou a degolar sua mãe. Mark observou tudo, sem um pio, como um espectador em frente à uma ópera.

E depois que aqueles homens foram embora, Mark havia chorado como nunca, em toda a sua vida.



## A dinastia do medo – Capítulo VII

Acordou assustado, e levantou a parte superior do corpo, ficando sentado na cama como em um pulo. Sentiu um peso em suas mãos, e notou que segurava o revólver de seu falecido pai nas mãos. *Argh!*, exclamou alto, antes de jogar a arma no chão. Aquilo estava ficando cada vez pior, cada vez mais confuso e maluco. Mark já estava começando a duvidar de sua capacidade de discernimento e entendimento, e estava começando a acreditar que estava ficando louco. *Mas que diabos está acontecendo comigo? O que é isso? Será que estou realmente ficando maluco?*, ficou a se indagar por alguns minutos, acendeu o cigarro e tentou recompor seus pensamentos. E ouviu uma batida na porta, acompanhada de uma voz:

- Sr. Romanov?

- Sim? – respondeu, ainda na cama.

- Posso dar uma palavrinha com o senhor?

- Quem é?

- Vladmir Ivanovitch, dono do hotel.

Dono do hotel? Que diabos o dono do hotel estava querendo com ele uma hora dessas? Se levantou da cama, colocou a calça e abriu a porta. Era um senhor de uns 60 anos, ranzinza e com fortes marcas de expressão em seu rosto. Era um 'semi-gordo', desses que parecem ter engordado por estarem comendo cada vez mais. *Com licença*, disse, antes de entrar no quarto.

- O que o senhor está achando da estadia?

- Tudo bem, eu acho...

- Tudo dentro dos conformes? O senhor precisa de alguma coisa?

- Não, eu estou bem, muito obrigado.

- Um café, talvez?

- É... um café pode ser. – respondeu, indo em direção ao banheiro, para se lavar e se arrumar.

- Está subindo. Bom, vou nessa, tenho mais assuntos para resolver.

- Ok.

- Caso precise de alguma coisa, é só me chamar – disse, entregando um cartão à Mark que instintivamente o colocou no bolso. – Tenha uma boa tarde.

E saiu. Mark, na hora em que a porta se fechou, olhou para o chão e viu que sua Smith & Wesson continuava lá. Será que aquele homem não tinha visto a arma? Ou será que ele viu e não quis falar nada? Mark não se preocupou muito, a princípio, e pegou a arma e colocou de volta na mala. Mark estava tentando entender como aquela arma tinha ido parar em suas mãos, enquanto dormia. Quer dizer, não se lembrava de ter pego a arma, e não tinha histórico de sonambulismo. Ficou sentado na cama durante algum tempo, tentando se lembrar, ou apenas organizar os pensamentos, e decidiu que ficar ali não iria adiantar. Se arrumou e decidiu sair. Precisava espairecer, precisava reorganizar sua vida, precisava talvez de uma nova vida. E saiu do hotel, assustado com os pesadelos e tentando encontrar uma explicação racional para todo aquele incidente – ou fosse o que fosse.

Passou o dia fora. Andou na cidade, tomou um café numa bela cafeteria a duas quadras do hotel, alimentou as pombas no parque e foi embora. Ao voltar para o hotel, a primeira coisa que pode notar foi uma mesa de pôquer bem no meio do salão principal. Oito homens,

aparentando importância e dinheiro estavam ao redor dela, cada qual com suas cartas na mão, e o sr. Ivanovitch era a banca. Estavam jogando Texas Hold 'em, e Vladmir dava as cartas. Passou observando a mesa, tentando ver o jogo. Um dos senhores, que aparentava mais idade, olhou para Mark com uma cara de poucos amigos, e o olhar gelado daquele senhor fez sua espinha congelar. Quando olhou o homem nos olhos, foi como se tivesse visto uma criatura maligna ou uma assombração. Sentiu que conhecia aquele homem, e que ele tinha alguma coisa muito ruim em seu corpo. Em seus olhos. Mas Mark não conseguia se lembrar de onde conhecia aqueles olhos. Depois desse pequeno incidente, Mark achou melhor ir direto para o seu quarto, sem sequer uma palavra ou um 'boa noite'. E assim o fez.

Tirou os sapatos, a calça e a camisa e se jogou na cama, esticando o braço esquerdo até o criado-mudo para poder alcançar os cigarros que havia deixado na gaveta, colocou a mão na gaveta e percebeu que sua Smith & Wesson estava lá, junto do maço de cigarros e de um bolo de papel. *Estranho*, pensou, *me lembro de ter colocado ela na mala...* Mas Mark estava mais intrigado com aqueles papéis. Novamente aqueles papéis. Dessa vez, Mark os pegou, acendeu um cigarro e leu todos eles, sem sequer pular uma vírgula.

E Mark simplesmente não conseguia acreditar no que estava lendo.

## A dinastia do medo – Capítulo VIII

*Ouvi gritos e gemidos muito altos, como se estivessem sendo amplificados. Senti um frio na espinha, como se tivesse aberto os portões do inferno. Olhei para trás na intenção de voltar e, para minha surpresa, a porta não estava mais lá. A essa altura, o medo já me dominava quase por completo. Atordoado, sem direção e sem opção, decidi correr para frente, na esperança de encontrar uma saída. E os gritos nunca cessavam.*

*Mas que diabos significa isso tudo?,* pensou enquanto lia aquelas memórias bizarras. *Como pode isso tudo ser real? Não é possível, definitivamente, isso tudo ser real,* tentava impor a si mesmo. Segurou a cabeça com as mãos, e ficou a imaginar se estava realmente ficando louco. Alguns segundos depois, com os olhos fechados, viu aquele olhar frio do senhor que o encarara há alguns minutos, e pode então se lembrar de onde o reconhecia. Da sua casa. Ele havia estado lá junto com os outros homens que mataram sua família. Ele fazia parte daqueles homens. E lembrava daqueles olhos. Como se lembrava. Tinha absoluta certeza de que era ele. Sem pensar duas vezes, pegou sua .44, carregou – a e a colocou no bolso interno de seu casaco, na intenção de esconde – la. Fumou mais um

cigarro, dessa vez na janela, pensando que realmente deveria fazer aquilo – pelo menos sua consciência iria ficar mais leve, pensou. Mas mal sabia que seu pesadelo estava apenas começando.

Terminou o cigarro, respirou fundo e saiu do quarto, decidido a matar qualquer um que tentasse o impedir de apagar aquele filho da puta. Desceu de elevador dessa vez, pois nem sequer lembrava do que havia ocorrido. Sua mente estava cega pelo ódio, pela vontade de matar, e Mark quase que podia ouvir uma voz em seus ouvidos, que clamava por sangue. A descida foi rápida e normal, sem nenhum problema dessa vez.

As portas do elevador se abrem. Os senhores continuam lá, entretidos com seu jogo de pôquer. Há muitas fichas sobre a mesa, e o feltro verde é novinho, como se tivesse acabado de ser comprado. Mark saiu fitando o velho, sem esboçar nenhuma reação. Deu uma volta pelo saguão, para se certificar de que não havia mais ninguém ali. Então decidiu agir. Veio por trás do velho, colocou a mão esquerda sobre seu ombro, e sacou a arma com a mão direita. *Lembra-se de mim, seu merda?*, disse, engatilhando a arma e colocando – a na nuca do senhorzinho, que não aparentava medo ou coisa do tipo.

- Atire, seu merda. – disse o senhor, impassível.

Foi o suficiente. Sem pensar duas vezes, Mark explodiu a cabeça do velho com uma bala calibre .44, que fez com que Mark se sujasse todo de sangue e miolos. O feltro verde se tornou vermelho escuro devido ao sangue que escorreu por entre a mesa. As cartas e as fichas já não tinham mais uma ordem, pois quando o corpo do velho caiu sobre a mesa, as fichas se desorganizaram e caíram. Os dois outros senhores que estavam mais próximos dele também se sujaram por completo. Mark sentia o sangue em seu rosto, escorrendo em pequenas porções, como lágrimas. Então pode perceber que o sr. Ivanovitch estava se levantando, com a mão direita na cintura, como se fosse sacar a sua arma. Mark não deu tempo para o velhote pensar, e lhe meteu uma bala no peito, fazendo – o cair para trás num barulho que lembrava uma bola de boliche caindo sobre o mármore. O segundo homem à direita do sr. Ivanovitch era um senhor de uns 50 anos, careca e narigudo, com uma pinta de advogado ou juiz. Mark viu em sua visão periférica que o homem se levantou e veio para cima dele, e então o agarrou. Quando ele colocou as mãos no braço de Mark, não pensou duas vezes e enfiou outra bala. Mais uma cabeça que explodia, mais sangue em seu rosto. Outro homem, dessa vez na sua esquerda, voou em seu pescoço e tentou estrangula – lo. Mark deu lhe uma



porrada no rosto para conseguir se livrar, e meteu dois tiros no peito dele. E, a cada corpo que caía, Mark se sujava cada vez mais de sangue. O local inteiro já estava todo sujo, um banho de sangue, literalmente. Agora, só tinha restado uma bala. Os outros senhores que ali estavam já haviam fugido, e Mark nem sequer notou. Olhou para a porta, e pode ver o último deles correndo em direção da rua, apavorado, olhando para trás. Mark olhou para a mesa, e viu o que tinha feito. Passou as mãos em seu rosto, olhou o sangue e respirou fundo, como se aquilo tivesse trazido alguma tranquilidade em seu espírito inquieto. Cuspiu sobre os cadáveres, dizendo:

- Vejo vocês no inferno!

E subiu para o seu quarto.

## A dinastia do medo – Capítulo IX

Agora, só tinha lhe restado uma bala. E não sabia muito bem o que iria fazer com ela. Trancou a porta do seu quarto, e foi até o banheiro. Quando abriu a porta, viu um homem morto em seu banheiro, pendurado em uma forca. Olhou aquele homem durante algum tempo, sem esboçar nenhuma reação. Entrou no banheiro, olhou seus olhos no espelho e viu que, agora, já não era mais o mesmo Mark de sempre. Era um outro Mark. Ou, quem sabe, até uma outra pessoa que ele desconhecia. Não sabia mais o que era real e o que era fantasia. Estava, claramente, perdendo sua sanidade.

- POLÍCIA! ABRA A PORTA!

- Vão pro inferno, seus merdas!

- VOCÊ TEM CINCO SEGUNDOS, RAPAZ! ABRA ESSA PORTA, OU VAMOS ENTRAR ATIRANDO!

- Entrem, seus bostas, e vão levar bala!

BOOOM! BOOOM! Duas pancadas na porta, como se alguém estivesse chutando – a. BOOOM! De novo. Mark sentou – se na privada, com a porta do banheiro fechada e as pernas daquele cadáver suicida em seus

ombros. Olhou a arma durante alguns segundos, e ouviu os trincos da porta se romperem.

- Garoto, saia dai AGORA!

- Foda-se vocês!

E essas foram as últimas palavras de Mark. Sua última bala foi seu alívio e salvação, e sem pensar duas vezes, encostou o cano em sua têmpora e puxou o gatilho, e assim, descansou em paz.

## O sagrado livro da morte – Capítulo I

Robert vestia roupas comuns. Estava calor, e ele estava apenas de camiseta e jeans, sem chamar muita atenção. Desceu do táxi com suas malas, pagou o taxista e entrou no hotel, observando sua arquitetura. Viu uma bela jovem, loira, olhos claros e seios grandes atrás do balcão.

- Bom dia, em que posso ajuda-lo? – Perguntou a bela moça

- Um quarto, por favor.

- Um minuto.

Enquanto a jovem procurava um quarto para ele, Robert ficou a observar a decoração do hotel. Era bonito, grande e antigo. Tinha grandes ripas de madeira, do chão até o teto e por todo o teto também. Aparentava ser uma construção do século XVIII ou XIX, rústica, resistente e forte. Robert era um estudioso da história, e gostava de coisas antigas como esse hotel. *Vou gostar daqui*, pensou, quando a jovem lhe estendeu a mão com uma chave, e disse com um sorriso amistoso:

- Quarto 237, terceiro andar.

- Muito obrigado. – respondeu Robert, pegando a chave e indo em direção ao elevador.

Entrou no elevador, também antigo e muito bonito, apertou o botão do terceiro andar e ficou a aguardar, observando o ponteiro que subia juntamente com o elevador. Era um ponteiro grande, de um metal cor de chumbo, já desgastado pelo tempo. Robert se lembrou dos relógios que seu pai construía, e o porquê acabou se tornando seminarista. Mas logo que o elevador chegou, ele se esqueceu disso tudo e se dirigiu até o quarto.

Abriu a porta, e encontrou um quarto pequeno, limpo e bem arrumado. *Ah, assim que eu gosto!*, pensou com um ligeiro sorriso no rosto. Guardou as malas no armário maior, tirou sua Bíblia do bolso e fez uma oração. Durante o tempo em que começou a orar até o fim dela, Robert fechou os olhos, e sentiu uma ligeira náusea, um mal estar. Era como se tudo tivesse rodando. Terminou a oração, abriu os olhos e voltou a si. Fez o sinal da cruz e se dirigiu até o banheiro, para tomar um banho e poder sair para comer alguma coisa. Não iria comer no hotel, pois queria conhecer a cidade. Tomou seu banho e saiu, procurando um restaurante onde pudesse comer tranquilamente.

A algumas quadras dali, encontrou uma cantina italiana, e decidiu que seria uma boa pedida. Comeu uma macarronada, tomou um suco de laranja e voltou para o hotel, pois tinha trabalho a fazer.

Chegando no quarto, começou a examinar os arquivos que o Vaticano lhe enviara sobre seu novo paciente. Robert, apesar da pouca idade (para um padre com as suas competências), era perito em exorcismos e possessões demoníacas. Começou a ler o quadro do paciente, examinou tudo com muito cuidado e viu que poderia se tratar de uma real possessão. O nome da vítima era Karen Rodriguez, uma descendente de espanhóis de apenas 13 anos, e não morava longe do hotel. *Talvez por isso eles já tenham me mandado direto para cá*, pensou, ao lembrar que o Arcebispo Torquemada tinha lhe recomendado o hotel. *Fique lá, é um ótimo local. E você vai gostar da arquitetura.*

*Verdade*, pensou. *Gostei mesmo.* Mas mal sabia Robert o que estava por vir.

## O sagrado livro da morte – Capítulo II

Robert andava por uma rua antiga, aparentemente na Idade Média. Usava um sambenito, uma espécie de capa que a Igreja utilizava para envergonhar os pecadores. Estava com mais 5 pessoas que não conhecia, e que também usavam sambenitos. Havia carrascos em volta deles, e então Robert pode perceber que aquilo era um auto – de – fé. Estavam sendo conduzidos à fogueira. Sem entender, e sem se manifestar, continuou andando, tentando se lembrar de algum pecado que teria cometido, algum porquê de estar ali, sendo conduzido à fogueira.

Foi amarrado no tronco, ao lado dos seus ‘companheiros’, e as pessoas comemoravam e gritavam. Quando os carrascos atearam fogo na fogueira, eles foram à loucura. Robert sentia o calor aumentar cada vez mais, e começou a se apavorar. Tentava gritar, mas era como se seus gritos fossem abafados por aquela multidão louca que o cercava. Sentiu suas pernas queimarem, e o fogo subindo em sua face. Sentiu seus ossos quentes, como se tivesse sido arremessado em um vulcão. Então a dor o consumiu, junto com o fogo, e Robert viu sua vida

deixar seu corpo num clarão de fogo e luz, como se tivesse explodido.



## O sagrado livro da morte – Capítulo III

Levantou assustado, e suando frio. Ainda era noite. Fechou os olhos e fez uma oração. Sentia a mesma sensação que sentiu a primeira vez: uma tontura forte, uma náusea, que ia aumentando conforme a oração ia prosseguindo. Terminou um Pai – Nosso, virou a cabeça para fora da cama e vomitou sangue. Um bocado dele. Atordoado e assustado, foi até o banheiro, lavou o rosto e a boca e ficou ali parado, se observando no espelho. Foi um bocado estranho, pois olhava para si mesmo, e era como se não fosse ele. Como se não se conhecesse, talvez. Começou a se recompor, e tudo foi ficando claro em sua mente. Estou muito envolvido com esse ‘trabalho’... talvez eu precise descansar mais, disse para si mesmo, voltando para a cama e observando aquela mancha de sangue no chão. Ficou olhando para ela durante alguns minutos, tentando entender aquilo. Decidiu chamar uma camareira para limpar aquela bagunça, e assim o fez. Em questão de minutos, ela já estava lá.

Entrou, cumprimentou timidamente Robert e olhou para a mancha de sangue no chão.

- O senhor está bem, senhor...

- King. Robert King.

- O senhor está bem, senhor King?

- Sim, apenas vomitei um pouco. Tive um sonho ruim.

- Tudo bem então, vou limpar isso em questão de minutos. Caso o senhor não se sinta bem, pode descer até o saguão e perguntar do Dr. Klingermann, nosso médico. Ele faz plantão aqui, e pode dar uma olhada se o senhor quiser.

- É... talvez não seja uma má ideia. Klingermann, é?

- Isso.

- Ok, vou dar um pulo lá. – e saiu, indo falar com o doutor.

Ao entrar no elevador, sentiu uma pancada. E mais uma. Na terceira, caiu sentado, e bateu a parte de trás da cabeça na parede oposta à porta. A luz oscilou algumas vezes, antes de apagar por completo. Alguns segundos parado, e a porta se abre. Está no saguão de entrada, mas tudo está diferente. É como se o hotel estivesse em ruínas. Ruínas de guerra. Parecia que um panzer havia passado por ali, destruindo tudo. As colunas de madeira estavam queimadas, e pareciam estar a um fio de desabar. As paredes tinham manchas

negras de fumaça, e tudo o resto havia se transformado em pó. Foi entrando no saguão, olhando para todos os lados, e, no chão, viu um pentagrama desenhado em fogo ardente, e um livro negro no meio. Foi se aproximando devagar, fazendo o sinal da cruz e recitando uma oração em latim. Colocou os pés dentro do pentagrama, e sentiu uma energia muito forte percorrer todo o seu corpo. Uma energia pesada, densa, em forma de espiral, que subia e descia. Pegou o livro nas mãos, e viu que ele continha um símbolo que Robert desconhecia por completo. Abriu o livro, e pode ler na primeira página, escrito à mão: *O Sagrado Livro da Morte*. Sentiu o chão se romper sob seus pés, e Robert se viu caindo num buraco negro e sem fim, com aquele livro nas mãos. Foi engolido pela escuridão completa, e continuou caindo, caindo e caindo, até não entender mais o que estava acontecendo.

## O sagrado livro da morte – Capítulo IV

ARGHHHHHHHHHHH!

Acordou com um grito muito, mas muito alto. Assustado, olhou para a janela e viu que já era dia. Passou alguns minutos sentado na cama, tentando se acalmar, e tentando entender porque aquele sonho parecia real. Tinha acordado duas vezes, e isso era bastante estranho. Era como se o mundo dos sonhos se mesclasse com o mundo real, e confundisse Robert por completo.

Alguns minutos depois, levantou-se, e foi tomar um banho. Tinha trabalho a fazer, e precisava ir visitar sua paciente. Aprontou-se e desceu. Antes de sair do hotel, passou no restaurante, pegou alguns pãezinhos, tomou um café rápido e saiu, sem sequer olhar para os lados. Nem pode notar que a bela garota do balcão o olhava com desejo. Nem um bom dia para o senhor careca que o cumprimentou na saída.

Foi direto para a casa de sua paciente. Era uma casa humilde, na periferia. Foi recebido pela avó da garota, que era quem cuidava dela. *Entre, padre...*

Notou que havia muitos quadros de santos católicos dependurados nas paredes, e muitas imagens também. Foi entrando, e foi sentindo uma sensação estranha, igual a que tinha sentido naquele sonho. A sensação ia ficando cada vez mais forte, cada vez pior a cada passo que Robert dava em direção à porta do quarto da menina. Ao chegar na porta, sentiu aquela espiral novamente, e dessa vez mais forte ainda do que no sonho. Fez um sinal da cruz, recitou um Pai – Nosso, e abriu a porta do quarto.

A garota estava deitada na cama, braços e pernas amarrados por lençóis velhos e sujos; tinha uma aparência intimidadora, com as sobrancelhas levantadas e os dentes sujos e espumantes. Olhou para Robert, e deu um sorriso. Um sorriso de deboche, de rivalidade. Um sorriso como para um velho inimigo.

- Olá, Robert. Quanto tempo...

- *Pater noster qui es in caelis...*

- Suas orações são inúteis!

- *Sanctificetur nomen tuum...*

- Você já é meu, padre. MEU!

- *Adveniat regnum tuum...*

- Você já fez o pacto! Toda oração é inútil agora!

- *Fiat voluntas tua...*

- Você já escreveu teu nome no Sagrado Livro da Morte, Robert!

E então Robert se calou. A garota – ou, melhor dizendo, a *coisa* que estava dentro dela – riu. E riu. Ela gargalhava, e Robert a olhava com um olhar de medo. Mas não se deixou intimidar, e retomando sua linha de raciocínio, continuou a oração:

- *Sicut in caelo et in terra...*

- DESGRAÇADO! VOCÊ JÁ ERA!

- *Panem nostrum quotidianum...*

- ARGH!

- *Da nobis hodie...*

- FILHO, ME AJUDE, POR FAVOR!

E a *coisa* havia tomado a forma de seu pai. A voz, as feições, tudo lembrava seu pai. Completamente atordoado, parou novamente, deixando uma ligeira lágrima escorrer de seus olhos. Olhando para aquela

garotinha, conseguiu novamente se recompor, e continuar a oração:

- *Et dimitte nobis debita nostra...*

- PARE, FILHO, PELO AMOR DE DEUS!

Mas Robert sabia que não era realmente seu pai. Era apenas mais uma das artimanhas daquela coisa que estava ali, tentando acabar com a vida daquela menina, e com a de Robert também.

- *Sicut et nos dimittimus debitoribus nostris...*

- ARGH, SEU PADRE DE MERDA! – disse, cuspidando em sua face.

- *Et ne nos inducas in tentationem...*

- VOCÊ VAI PAGAR, PADRE! LEMBRE-SE DESSAS PALAVRAS! ARGH!

- *Sed libera nos a malo. Amen.*

E então a garota começou a revirar os olhos, e a espumar pela boca. Padre Robert se ajoelhou próximo a cama, com seu crucifixo na mão direita, e o colocou sobre a testa da garota, fazendo com que aquilo a queimasse. Ela se contorcia e gritava, urrava com uma

voz do além, e Robert começou a oração de exorcismo. Quando terminou, a garota apagou por completo. Toda vez que Robert fazia um ritual desses, suas forças se esvaíam, mas dessa vez fora diferente. Robert sentiu um poder, uma energia forte percorrendo seu corpo, como se pudesse fazer tudo o que quisesse. Respirou fundo, olhou o corpo da menina e saiu do quarto, fazendo novamente o sinal da cruz.

- Ela vai ficar bem – disse para a avó da garota. – Dê um banho, e algo para comer. Amanhã de manhã estou de volta, para acompanhar o andamento do caso, ok?

- Sim, padre.

- Até mais então.

- Até mais, e que Deus lhe acompanhe.

- Que Deus te proteja.

E saiu, fechando o portão. Mal pode escutar a senhorinha agradecendo *Obrigado, filho de Deus*, por detrás da porta de vidro...



## O sagrado livro da morte – Capítulo V

De volta para o hotel, já de noite, pediu um frango com arroz e subiu para o seu quarto. Sentou na cama e ficou pensando em tudo aquilo – aqueles sonhos, aquele livro, aquele diálogo. Tudo estava muito estranho, e parecia que ia piorando cada vez mais. Começou a se lembrar de seu pai. Sua mãe morrera no parto, e Robert foi criado por seu pai, o senhor Rudolf King. O sr. King fabricava relógios artesanais, dando continuidade ao trabalho de seu pai. Robert nunca gostou muito do serviço, mas ajudava o pai sempre que podia. Moravam em uma casa de campo, um pouco longe da cidade grande, e eram felizes. O sr. King era uma pessoa triste desde que perdera a mulher. Mas isso nunca o desanimou por completo, e ele fazia de tudo por seu filho. Mas Robert queria sair dali. Não queria desperdiçar sua vida naquele lugar, fazendo relógios. Sabia que podia mais. Até que o padre da sua diocese deu a ideia de ir para o seminário. E Robert foi, sem pensar duas vezes. Algum tempo depois, seu pai ficou muito doente, e faleceu. E Robert nunca mais o viu. Aquilo o atormentava, pois se sentia culpado por ter deixado seu pai para trás e ele sentia que esse abandono tinha sido culpado pela morte do pai.

Quando se deu conta, estava chorando como uma criança, e alguém bateu na porta:

- Serviço de quarto!

- Um minuto – disse, enxugando as lágrimas de seu rosto.

Abriu a porta e a bela loira estava lá, com um carrinho com sua janta.

- Entre, por favor. – disse, abrindo a porta.

Ela entrou, deixou o carrinho e ficou parada, observando Robert com um olhar sedutor. Robert a fitou por alguns segundos, e viu que ela fechou a porta e veio em sua direção. Sem pensar, se beijaram e começaram a se amar.

Passaram a noite juntos, mas no dia seguinte Robert acordou sozinho.

## O sagrado livro da morte – Capítulo VI

Acordou extremamente arrependido. Havia tido a primeira noite de amor de sua vida, e estava completamente arrependido. Bom, Robert era um padre... e foi difícil para ele compreender tudo aquilo. E chorou novamente.

Algum tempo depois de se recompor, tomar um banho e comer, se dirigiu até a casa de sua paciente. Nunca usava roupas de padre, mas, dessa vez, decidiu usar. Colocou sua batina, e saiu. Ao passar pelo saguão, notou que a garota não estava lá, mas sim a simpática senhorinha que cruzava com ele quase toda hora. Decidiu perguntar sobre a garota, apenas de curiosidade, e a resposta que obteve foi: *não há nenhuma garota aqui, sr. King. Apenas eu e meu marido que cuidamos das reservas.*

Agradeceu de uma forma meio estranha e saiu, pensando naquele incidente. Não sabia se aquilo realmente havia acontecido, ou se era apenas uma brincadeira de sua consciência com ele mesmo. Ainda confuso, deixou o hotel, tentando não pensar em tudo aquilo.

Ao chegar na casa de sua paciente, a velhota abriu a porta com uma cara assustada, e já foi logo falando:

- Padre, que bom que o senhor está aqui! A Karen só tem piorado desde ontem...

- O que está acontecendo?

- Ela está pálida, e gelada... não acordou desde ontem.

Robert entrou correndo para o quarto da menina, e quando abriu a porta, viu a pior cena de sua vida: o corpo da garota estava completamente desfigurado, como se alguém tivesse a transformado em uma bola de carne e sangue. OH MEU DEUS, exclamou a velha, e se pôs a chorar, ajoelhada e com as mãos no rosto. Robert levou a mão na boca, pois achou que iria vomitar com aquela cena. Pegou a velha nos braços, fechou a porta, fez um sinal da cruz e a conduziu para o sofá.

Robert tentava tranquilizá-la, sem sucesso. A velha estava em prantos. Robert a abraçava, e dizia que Deus estava cuidando da sua neta agora. Chamaram os bombeiros e a polícia, e Robert foi levado para a delegacia para prestar depoimento. Algumas horas de conversa, uns telefonemas para o Vaticano e tudo estava resolvido. Robert fora liberado, e estava

voltando para o hotel, para o que seria a sua última noite, tanto no hotel, quanto em vida.

## O sagrado livro da morte – Capítulo VII

Subiu para o quarto, sem sequer olhar para os lados. Foi direto para a cama, apenas tirando sua batina e seus sapatos. Não fazia mais questão de nada. Havia perdido mais uma paciente – já era a terceira em menos de seis meses. Alguma coisa estava errada. Terrivelmente errada.

Deitou-se na cama, e passou um bom tempo acordado, lembrando daquela imagem bizarra que tinha presenciado momentos atrás. Demorou um pouco para pegar no sono, mas, antes da meia-noite já estava dormindo.

Acordou no meio da noite, na cama em que seu pai costumava dormir. Levantou, olhou o quarto à sua volta, e reconheceu sua casa. Mas ele não ia para a sua casa já faziam mais de 20 anos. Começou a olhar alguns retratos que haviam por perto, e se viu com o pai. Havia também um retrato de sua mãe, uma mulher muito bonita, e que seu pai idolatrava como uma deusa. Pegou o retrato nas mãos, observou durante alguns segundos e o colocou de volta, abaixado, como se tivesse escondendo alguma coisa.

E viu que o trinco da porta se movimentou.

Esperou durante alguns segundos na escuridão, e viu seu pai abrir a porta. *Pai!*, gritou, e foi correndo em sua direção. Tentou um abraço, e seu corpo atravessou o de seu pai. Era como se ele não existisse materialmente. Era um espírito, um fantasma ou coisa do tipo. E seu pai se voltou para ele e disse:

- Você me deixou, Robert. Me entregou à eles. E agora eu devo fazer o mesmo com você.

Conforme disse isso, criaturas estranhas começaram a entrar pela porta, criaturas nojentas, formadas por trevas, com medo e ódio no olhar. E, novamente, Robert sentiu aquela energia densa em forma de espiral, mas dessa vez ela o puxava para baixo. Aquelas criaturas começaram a arrastá-lo para fora, e o levaram por um caminho tortuoso e cheio de corpos nas paredes. Parecia que as próprias paredes eram formadas por corpos humanos. Apavorado, tentava se debater, se soltar, e não conseguia. As criaturas o arrastavam cada vez mais para baixo, e ia ficando cada vez mais quente. Quente, quente... foi ficando quente, e Robert se lembrou do sonho que tivera, onde fora queimado vivo. E a sensação era muito parecida.

Porém, dessa vez sentiu como se milhares de lâminas perfurassem seu crânio, e arrancassem dele toda e qualquer sanidade. Não havia mais nada, apenas dor e

sofrimento, e as criaturas sugavam sua energia numa espécie de missa negra. Dançavam em volta dele, com suas formas esquisitas e vozes fantasmagóricas, e a dor o consumia cada vez mais, até que sentiu a visão escurecer, e as últimas forças se esvaírem, e caiu no chão, sem sentir mais nada, ou se lembrar de alguma coisa.



## O sagrado livro da morte – Capítulo VIII

Levantou-se, novamente, visivelmente abalado. Começou a procurar alguma coisa que não sabia bem o que era, mas revirou o quarto inteiro. Havia, próximo da cama, um criado-mudo verde musgo, muito antigo e também muito bonito. Robert foi até ele e abriu a gaveta. Para sua surpresa, encontrou uma Smith & Wesson prata, calibre .44 dentro. E com apenas uma bala. Como se não soubesse o que fazer com aquilo, guardou o revólver no bolso, e continuou sem entender o que estava fazendo, procurando algo que não sabia o que era.

Alguns minutos dentro do quarto, saiu, e foi em direção à escadaria. Nem sequer lembrou do elevador. Estava realmente apavorado. Começou a descer as escadas, no escuro. Encontrou um interruptor, tentou acender a luz e nada. Continuou descendo, correndo sem parar. Já ofegante, lembrou – se que estava no terceiro andar, e notou que já havia descido mais do que 4 lances de escada. Mas, mesmo assim, decidiu continuar a descida, pois não voltaria para aquele quarto nunca mais. Em um certo momento, se deparou com uma porta imensa, com inscrições em uma língua que Robert não conhecia. E, no centro da porta, havia o

mesmo símbolo que estava na capa do livro negro com o qual Robert havia sonhado. Colocou a mão sobre o símbolo, e a porta de pedra se abriu. Era um corredor estranho, com nomes nas paredes, luzes fracas que balançavam no teto e sem portas nem janelas. Entrou, orando e fazendo o sinal da cruz. Ao passar pela porta, percebeu que ela havia se fechado atrás dele, e com um barulho assombroso. Continuou a adentrar aquele corredor escuro, receoso, e ainda orando. Foi quando ouviu um barulho, que parecia vir das profundezas do inferno. Era como se o estômago do demônio estivesse roncando. Quando olhou para trás, na esperança de ver o que se passava, viu uma criatura gigante, de mais ou menos 4 metros, que não se parecia nem um pouco com um ser humano, ou com qualquer outra coisa que a humanidade conhecesse. Tinha 7 membros superiores, e seu rosto era apenas um buraco, que lembrava um ânus com dentes. Tinha uma aparência gosmenta, esquisita, e, conforme a criatura andava, ia deixando pedaços dela para trás. Robert sentiu o toque gelado daquela criatura em seu ombro, e começou a correr. Correu até não aguentar mais, e tropeçou em alguma coisa no meio do caminho.

Aquele livro. *O Sagrado Livro da Morte*, e um punhal negro. Pegou o livro e o abriu, e começou a ler aquelas estranhas e antigas orações que eram destinadas a algum deus obscuro e esquecido. Estranhamente,

agora Robert podia entender aqueles símbolos. Leu uma oração de sacrifício, e a criatura não parava de avançar. Foi terminando a oração, tomou o punhal em suas mãos e enfiou – o em seu próprio estômago, numa espécie de haraquiri para aquele deus negro. E a última coisa que Robert pode ver foi as mãos gosmentas daquela criatura o segurando pelo rosto, e arrancando sua cabeça de seu corpo.

E, depois disso, tudo se transformou em escuridão, e padre Robert nunca mais foi visto.

FIM DA PARTE I

## Doce Loucura – Capítulo I

Rachel chegou com dois dias de antecedência. Queria ter tempo de conhecer a cidade, pois fazia anos que ela não ia para lá. A última vez, Rachel tinha uns 4 ou 5 anos, ou seja, não se lembrava de quase nada. Pegou o táxi na rodoviária, e perguntou ao motorista:

- Preciso ir para o centro. O senhor conhece algum hotel bom para se hospedar?

- Sim, o 616 na Quinta Avenida.

- Quanto dá a corrida até lá?

- 100.

- Beleza, me leva pra lá, então.

E foram. O taxista era um senhor de meia – idade, bigodudo e com um nariz de batata, e que olhava para Rachel a toda hora pelo retrovisor, embora ela não tenha percebido isso.

Depois de uns vinte minutos, chegou ao hotel, e o achou magnífico. Lembrava a fazenda de sua avó, com belos móveis artesanais. Viu uma senhora simpática

detrás do balcão, com um sorriso amistoso. Chegou ao balcão e já foi falando:

- Olá, meu nome é Rachel Belucci, e gostaria de um quarto por quatro ou cinco dias.

- Sim, querida. 30 a diária.

- Ok – disse, sacando a carteira do bolso e pagando a senhora.

- Quarto 301, quarto andar – disse, entregando a chave nas mãos de Rachel.

Foi para o elevador, e viu uma grande porta, bem antiga. Apertou o botão, e aguardou. Quando a porta se abriu, viu um senhorzinho de mais ou menos 75 anos, com cara de poucos amigos. Rachel se sentiu um pouco intimidada, mas mesmo assim entrou no elevador. *Quarto andar, por favor*, disse, meio tímida, ao senhor esquisito, que sem sequer abrir a boca atendeu ao seu pedido.

*Quarto andar*, disse, com voz cansada. Rachel agradeceu e saiu. O corredor era grande e tinha apenas uma janela no fundo. Foi procurando o quarto, e logo o encontrou.

Não era um quarto muito grande, mas parecia bastante aconchegante. Rachel entrou, largou as malas no chão e pulou na cama, completamente relaxada. Ficou ali alguns minutos, imaginando mil coisas para fazer naquela cidade, e pensando que iria adorar aquele hotel.

Mas Rachel estava errada, muito errada.

## Doce Loucura – Capítulo II

Rachel não se deu ao trabalho de desfazer as malas. Levantou-se logo, indo ao banheiro em seguida, para jogar uma água no rosto. Estava pilhada, e não queria ficar parada, de jeito nenhum. Era jovem e cheia de vida – vivia sorrindo e brincando com tudo e todos. Trancou o quarto e saiu, levando apenas sua carteira e uma antiga máquina fotográfica que havia ganhado de se pai. Colocou alguns filmes fotográficos no bolso da camisa e saiu tranquilamente.

Rache andou o dia inteiro – comeu comida japonesa, comprou souvenirs para todo mundo e fotografou cinco rolos de 24 poses cada. Apesar de estudar psiquiatria, adorava fotografar, e o fazia com habilidade. Já passava das sete horas da noite quando, já bastante cansada, decidiu voltar para o hotel, para tomar um banho e comer alguma coisa – apesar de gostar da culinária japonesa, ela sempre sentia fome depois.

Chegando no hotel, notou que não era a senhorinha simpática que estava lá, mas sim o senhor ranzinza que estava no elevador. Ele resmungou alguma coisa que Rachel não conseguiu entender, e ela passou por ele, rápida como uma raposa. Não sabia muito bem o

porquê, mas não gostava daquele homem. Era como se pudesse sentir algo ruim e pesado dentro daqueles olhos negros. Foi para o elevador, desejando que ele chegasse rápido, para poder sair do raio de visão daquele velho. E, para sua sorte, não demorou muito para que o elevador chegasse.

Cerca de cinco minutos depois, estava em seu quarto. Ligou para o hotel e pediu uma pizza de pepperoni, e algumas cervejas para ajudar a descer. *Em trinta minutos estará aí*, disse a garota do outro lado da linha. *Muito obrigado*, respondeu Rachel, desligando o telefone e desabando na cama, tirando os tênis com os pés. Ficou alguns instantes com os olhos fechados e cochilou.

Rachel via luzes. Muitas delas, e de várias cores. Ela tentava pegar as luzes, como se elas a estimulassem a isso. Rachel sentia um profundo desejo delas. Precisava delas. E, por um momento, Rachel começou a se sentir angustiada, e, a cada vez que tentava pegar aquelas luzes, mais angústia sentia por não conseguir. Até que, em um determinado momento, aquele belo sonho se transformou em pesadelo, e Rachel tentava acordar e não conseguia. Estava ficando apavorada, quando ouviu alguém bater na porta, e acordou.

Salva pelo gongo, literalmente.



Era a pizza. Atendeu a porta, pegou o pedido, pagou e o entregador se foi. Sentada na cama, ficou pensando naquele sonho maluco enquanto comia sua pizza e tomava suas cervejas. Algumas latas depois, as lembranças se tornaram borrões em sua mente, e logo Rachel estava dormindo profundamente.

## Doce Loucura – Capítulo III

Rachel estava em uma espécie de hospital, com paredes amareladas e sujas. Havia equipamentos ligados ao corpo dela, e esses também eram bastante antigos. Uma televisão chiava alto. Os azulejos do chão estavam quebrados, e, juntamente com o chiado, Rachel podia ouvir uma torneira aberta, pingando. Se levantou com alguma dificuldade, e viu que vestia apenas um avental azul – claro de hospital, e que estava sujo com algo que lembrava sangue seco. Havia soros em seus braços e pernas, e eletrodos conectados à sua cabeça. Arrancou os fios e as mangueiras, e se levantou da cama, pisando em um pedaço de azulejo quebrado, que fez seu pé sangrar. A porta do quarto estava entreaberta, e uma luz piscava o tempo todo. Então Rachel abriu a porta.

Era um corredor largo, com muitas portas. Estava em péssimas condições, e não via ninguém. A luz piscava freneticamente, e Rachel, com medo, começou a andar naquele corredor bizarro. À sua direita, uma cadeira de rodas tombada para o lado, com uma das rodas ainda girando. A única luz, que era a que oscilava, foi ficando para trás, e Rachel foi se aproximando de uma porta dupla, com vidros na parte superior. Atravessou essa

porta, e se viu em um outro corredor, também cheio de portas, e com uma luz fraca no meio dele. Ao passar por uma dessas portas, ouviu um estrondo muito alto, como se alguém batesse de dentro para fora. E então todas as portas começaram a bater, e urro e gemidos puderam ser ouvidos. Loucos gritavam, gemiam e choravam, e Rachel se deixou levar por eles, caindo no meio do corredor, tentando tapar os ouvidos e gritar o mais alto que pode, tentando não ouvir aqueles gemidos arrepiantes. E a loucura começou a dominar a sua mente, e sem perceber, Rachel estava gritando e gemendo junto àqueles loucos desvairados.

## Doce Loucura – Capítulo IV

Acordou num pulo, e meio atordoada. *Caralho, que sonho maluco!*, pensou sozinha. Ficou bastante amedrontada, pois esse era, de fato o único medo que Rachel tinha dentro de si – o medo da loucura. Rachel trabalhava em um hospital psiquiátrico a 3 anos, e convivia de perto com a insanidade. Estava terminando a faculdade, e gostava do que fazia – mas aquilo a deixava com medo, e talvez até um pouco transtornada, às vezes. Mas não deixou que aquele sonho a abalasse, e foi tomar um banho. Rachel estava louca para curtir a cidade grande.

Em menos de meia – hora, Rachel, já estava saindo do hotel. Dessa vez, decidiu não levar sua máquina fotográfica, apenas sua carteira, e assim o fez. Queria almoçar em algum lugar legal, onde pudesse tomar algumas cervejas em paz, e não demorou muito para encontrar esse local. Um restaurante árabe, bem arrumado e com uma boa aparência. Talvez seja legal, pensou, e entrou no restaurante.

Notou um homem que a observava. Alto, barba por fazer, olhos verdes e uma cicatriz na parte superior direita do rosto, dando a impressão de que ele não era

uma boa companhia. Estava bem vestido, mas, mesmo assim, não transmitia confiança. E ele não parou de olhar para Rachel, em momento algum.

Rachel comeu tranquilamente, sem se preocupar com o estranho homem. Pagou a conta e, quando o garçom veio com o seu troco, o homem o parou e entregou um papel a ele. Quando ele voltou para a mesa de Rachel, entregou o troco e disse:

- Aquele senhor da mesa 3 enviou isso para você.
- Muito obrigado – Rachel respondeu, meio sem graça, e saiu.

Era um guardanapo, e nele estava escrito: *tome cuidado com o hotel*. Rachel ficou meio atordoada com aquele aviso, mas não deu muita importância, afinal de contas logo iria embora. Jogou aquele aviso fora e saiu pela cidade.

Andou o dia inteiro novamente, passando por galerias de arte, shoppings centers e bares, e voltou para o hotel às 20:00 horas. Estava cansada, obviamente, mas naquela noite não sentia fome. Foi direto para o quarto, tomar um banho e dormir um pouco. A Convenção Internacional de Psiquiatria seria no dia seguinte, e Rachel queria estar bem descansada para ela.

Mas aquela noite ainda seria bastante turbulenta.

## Doce Loucura – Capítulo V

Estava nas mesmas condições anteriores – em um hospital completamente vazio e desconhecido, e em péssimo estado de conservação. Novamente, Rachel se levanta da cama e caminha até a porta, abrindo – a. Mas dessa vez o corredor é outro. Um cheiro forte de sangue e morte permeia o local, e a atmosfera é pesada. Rachel ouve risos. Gargalhadas. Olha para os lados, tentando encontrar a fonte das risadas, mas elas parecem vir de todos os lugares. E então Rachel sai correndo, atravessando portas duplas, como portas de centros cirúrgicos.

Alguns minutos correndo em círculos pelo hospital, Rachel se depara com um corredor com uma pequena porta ao fundo. Uma porta almofadada, toda branca – uma solitária para esquizofrênicos. E, nesse momento, ela pode saber de onde vinha aquela gargalhada.

O corredor que levava à porta almofadada possuía no total 10 portas iguais, cinco de cada lado, e que ecoavam gargalhadas também. Mas, o mais estranho, era que a porta mais longe fazia o som mais alto, e então Rachel correu até ela. Num impulso que não conseguiu compreender, abriu a porta, e se deparou

com um louco amarrado à uma camisa – de – força, rindo, gargalhando. Era magro, usava um óculos fundo de garrafa e tinha cabelos longos e bastante sebosos. Não tinha um dos olhos, apenas um buraco negro vazio, que causava um arrepio na espinha. Rachel olhou para ele, e ele olhou para ela. Nessa troca de olhares, foi como se aquela loucura toda tivesse sido transmitida a Rachel de alguma forma. E Rachel começou a gargalhar junto com ele.

Quando percebeu, estava em seu lugar. Agora que estava na camisa era ela. Apavorada, começou a gritar e se debater, tentando se soltar. Em vão. Em questão de minutos, ouviu passos se aproximarem da porta. E então ela se abriu vagarosamente.

Dois homens fortes e grandes, de mais ou menos dois metros de altura cada um entraram na salinha. Usavam roupas brancas e não tinham rosto. Eles tomaram Rachel nos braços, a colocaram em uma maca, amarram – a com cintas de couro e começaram a conduzi – la para algum outro lugar que ela desconhecia.

Uns dois minutos depois, chegaram à uma salinha com uma cadeira elétrica. Os dois homens colocaram Rachel na cadeira, e ligaram eletrodos em sua cabeça. Rachel se debatia e gritava, e então colocaram uma



bolinha em sua boca. Tratamento de choque. Quando os homens ligaram a máquina, Rachel sentiu a corrente elétrica percorrendo seu corpo, e ela perdeu o controle de si. Seus músculos ficaram rígidos, e ela tremia com o choque. Aquilo foi ficando cada vez pior, e Rachel sentiu como se fosse explodir – o que não aconteceu, mas para ela foi como se tivesse acontecido. Então Rachel perdeu os sentidos e apagou por completo.

## Doce Loucura – Capítulo VI

Rachel acordou se debatendo na cama, e gritando. Quando voltou a si, arregalou os olhos, sentou – se na cama e respirou fundo. *Que merda é essa?*, perguntou a si mesma, enquanto tentava recuperar – se psicologicamente. Alguns minutos ainda na cama, decidiu que um banho seria bom para espairecer as ideias.

Meia hora depois, saiu do banho, um pouco melhor. Olhou no relógio e viu que já eram 11:30. *Caralho! Perdi a palestra do dr. Klingermann!*, exclamou a si mesma, pegando a camisa velha e correndo para fora do quarto.

Ao entrar no elevador, viu aquele mesmo homem que estava no restaurante. Ficou receosa de entrar no mesmo elevador que ele, mas mesmo assim entrou. E logo que a porta se fechou, ele começou a falar:

- Recebeu minha mensagem, certo?
- Sim. – meio apavorada
- E o que está fazendo aqui ainda?

- Cala a sua boca, seu merda. Não te devo satisfações.

- Tudo bem, é você quem sabe.

- Me erra.

E a porta se abriu, e Rachel saiu do hotel o mais rápido que pode.

Chegou a tempo de assistir a palestra do dr. Klingermann. O dr. Klingermann era um renomado neurocirurgião, e iria dar uma palestra sobre tratamentos psiquiátricos ao longo da história. Era bastante interessante conhecer alguns métodos antigos de 'cura para a loucura', apesar de muitos deles serem inumanos e cruéis. E Rachel sabia disso, apesar de não aceitar – los como verdade.

Passou o resto do dia visitando palestras e conversando com profissionais da sua área, esclarecendo algumas dúvidas e trocando ideias, e saiu da convenção por volta das 22:00. Encontrou alguns velhos amigos, e dali, foram para um barzinho bastante aconchegante, a apenas três quadras do hotel.

Ali ficaram bebendo e conversando até quase 1:00 da manhã, quando Rachel decidiu ir embora, pois já havia bebido bastante e estava um pouco cansada. Haveria

ainda o outro dia da convenção, e Rachel queria aproveitar tudo o que pudesse, o máximo que pudesse.

Mas talvez Rachel nem sequer pudesse aproveitar mais sua própria vida. Foi pensando isso no caminho de volta para o hotel, pensando que sua sanidade poderia estar por um fio. Mas logo tratou de tirar esse pensamento da cabeça, e, cantarolando uma velha canção, voltou ao hotel.

*One day I walked the road and crossed a field to go by  
where the hounds ran  
hard.*

*And on the master raced: behind the hunters chased to  
where the path was  
barred.*

*One fine young lady's horse refused the fence to clear.  
I unlocked the gate but she did wait until the pack had  
disappeared.\**

\*Jethro Tull – Hunting Girl, do disco Songs From the Wood, originalmente lançado em fevereiro de 1977.

## Doce Loucura – Capítulo VII

Acordou novamente naquele hospital, só que dessa vez a televisão chiava mais alto, e a torneira estava completamente aberta. Rachel se livrou dos tubos e se levantou, tomando cuidado com aquele chão quebradiço – apesar de não sentir as pernas. Foi andando vagarosamente até a porta e ao chegar nela, parou. Então Rachel se lembrou daqueles dois homens estranhos que haviam a levado ao choque da última vez. Ficou ali parada, pensando, mas mesmo assim decidiu abrir a porta e sair daquele lugar.

O corredor estava aceso, com todas as luzes funcionando, e estava completamente vazio. A tela de um pequeno computador no balcão fazia um barulho esquisito, uma vibração grave muito forte. Rachel foi andando naquele lugar e, ao passar por uma porta, viu que ela se abriu, e dela saiu um homem. Ele era calvo, meia – idade e vestia um avental igual ao de Rachel. Saiu abraçando a si mesmo de uma forma estranha, resmungando baixinho alguma coisa sem sentido, balbuciando para si mesmo. E ele babava muito, o que deixou Rachel um pouco com nojo.

Quando se virou para o outro lado, viu que a porta que estava do lado esquerdo do corredor também abriu. Dela, por sua vez, saiu uma criança, de no máximo 11 anos de idade, amarrada à uma camisa – de – força. A criança parecia ser uma menina, muito magra, cabelos lisos e olhos cor de mel. E ela gargalhava e rodopiava amarrada àquela camisa – de – força, e Rachel sentiu uma angústia por dentro de si mesma. Foi avançando no corredor, deixando aqueles dois malucos para trás.

As portas que se seguiram não foram diferentes. Era como se alguém tivesse soltado todos os loucos do hospício. Era infernal. Um senhor gordo numa cadeira de rodas que falava com um tijolo o arremessou na direção de Rachel, que tomou uma tijolada na testa e caiu no chão com o impacto. Sentiu o sangue na testa, levantou – se rapidamente e se pôs a correr, para se salvar daqueles lunáticos malucos.

Quanto mais Rachel corria, mais deles apareciam. Todo corredor era igual ao anterior, porém mais cheio ainda do que o mesmo. Era horrível. Até que Rachel se viu cercada de uma forma que não conseguia mais correr. Eles foram todos para cima dela, como urubus em um cadáver, e ela gritava. Fechou os olhos, agachou e gritou o mais alto que pode, o mais alto que conseguiu.

Depois de uns cinco minutos gritando, abriu os olhos e percebeu que estava sozinha. Olhou em volta. Estava em um banheiro, no chuveiro do canto, agachada, abraçada com os joelhos. Assustada como uma garotinha de 5 anos. Rachel se levantou, se recompôs e foi até o espelho, para poder ver como estava.

Quando olhou para o espelho, viu uma mensagem escrita em vermelho, em algo que parecia batom:

*Você tem medo da loucura?*

*Loucura... doce loucura!*

Rachel saiu meio atordoada em direção a porta, sem saber o que aquela mensagem realmente significava. Saiu e tropeçou em alguma coisa.

Era um boneco. Um boneco que um dos loucos carregava pra cima e para baixo. O boneco usava um *smoking* e tinha a boca igual a esses bonecos de ventríloquos – com dois traços para baixo, dando um ar sombrio a ele. O boneco abriu os olhos e disse *Olá!*, e riu, riu muito. Rachel o jogou no chão e saiu correndo escuridão adentro, sem saber onde estava, para onde estava indo ou qualquer coisa do tipo.

No fundo, Rachel só queria se salvar de si mesma.



## Doce Loucura – Capítulo VIII

Correu alguns minutos na total escuridão. Apavorada e ofegante, parou em algum lugar dentro daquela escuridão, apoiou as mãos nos joelhos e parou para respirar. Então ouviu um barulho que lembrava aquelas antigas máquinas que seus ancestrais utilizavam nas fábricas – um barulho pesado e alto de metal contra metal, e eles se chocavam e depois, atritados um contra o outro. Naquela escuridão, Rachel não conseguia enxergar nada, então decidiu continuar correndo. Correu até bater em alguma coisa, uma parede, para ser mais exato. Deu de cara com a parede e caiu de costas, estatelada, no chão.

Quando caiu, sentiu que alguém a pegara antes. Num primeiro momento, Rachel achou que tinha sido salva. Até que ela pode ver aqueles dois estranhos homens novamente, com suas roupas amarelas – sujeira e seus rostos apagados. Se debatia e gritava, e nem ao menos podia ouvir seus próprios gritos. Foi arrastada novamente até a sala do tratamento de choque, colocada na cadeira e eletrocutada até perder os sentidos, como havia acontecido da outra vez.

Mas dessa vez foi diferente, pois Rachel sentia uma espécie de corrente energética de outra natureza percorrendo seu corpo. Era uma energia que a percorria em forma de espiral, a puxando para baixo, numa energia densa e pesada. Não sabia exatamente o que era, mas pode sentir que não era a eletricidade que estava trabalhando ali.

Então Rachel apagou de vez, perdendo os sentidos – e a sanidade.

## Doce Loucura – Capítulo IX

Acordou no quarto do hotel, mas ele estava exatamente como o quarto do hospital. Era estranho, porque no quarto do hospital, além dos móveis estarem dispostos de maneira diferente, a porta também estava, e ele era maior do que o quarto do hotel. Agora, era como se o quarto do hotel tivesse se transformado no hospital, com suas paredes destruídas por infiltrações e mofo, seu azulejo quebrado e seus lençóis sujos. E havia uma também uma televisão que chiava. Goteiras no teto pingavam uma água suja, esverdeada, que deu nojo em Rachel. *Aquilo estava ficando cada vez mais estranho*, pensou, antes de se levantar da cama.

Não tinha equipamentos nem tubos desta vez, e Rachel estava com suas próprias roupas. Notou que carregava uma caixa de fósforos no bolso esquerdo, e trazia apenas um cigarro detrás da orelha. *Melhor que nada*, resmungou a si mesmo, e acendeu o cigarro. Abriu a porta do quarto, colocou a cabeça para fora e conseguiu ver que, realmente, ela estava no hotel.

*Mas que porra é isso tudo? O que SIGNIFICA isso tudo?*, pensou, ao fechar a porta e encostar as costas

nela, e olhando para o quarto, tentou se lembrar de quem era, e não conseguiu.

Alguns instantes se passaram enquanto Rachel contemplava o quarto, e a si mesmo, numa viagem interior maluca e sem sentido. Ficou se lembrando de tudo o que fizera em sua vida, de como havia chegado até ali, e sentiu medo. Medo da morte. Medo da loucura. Medo da solidão.

*Ah, Rachel...*

*Doces memórias de Rachel...*

*Não chores, minha criança...*

*Vens até mim, minha filha, venha...*

*Te aguardo de braços abertos, sempre...*

*Lembre – se de mim, Rachel...*

*Rachel...*

E ali Rachel ficou, durante quase meia hora, chorando sem parar, sentindo o gosto amargo da morte e da dor em sua garganta.

## Doce Loucura – Capítulo X

Chorou até seus olhos não aguentarem mais. Quando tomou coragem para levantar a cabeça, pode ver que o quarto do hotel ainda estava do mesmo jeito – amarelo, feio, podre. Rachel começou a olhar para aquele quarto, e sentir ódio. Um ódio que a fazia gargalhar. Gargalhadas de ódio ecoavam pelo local, e Rachel, como uma maníaca, destruía tudo que havia no quarto, dançando, cantando e pulando.

Tudo já estava de pernas para o ar, e então Rachel ouviu uma voz no fundo de sua mente doentia, que dizia:

- Queime minha criança... queime!

Então Rachel tira a caixa de fósforos do bolso, risca um deles e atea fogo no quarto – primeiro a cama, depois a cômoda, depois o armário. Em questão de segundos, o lugar está em chamas. E Rachel ri, risos de prazer, risos de dor.

E Rachel riu até seu corpo virar cinzas.

## Memórias da liberdade – Capítulo I

Sid Barks havia acabado de sair da cadeia. Depois de 50 longos anos, conseguiu a liberdade – Sid tinha, no momento, 75 anos.

Não possuía muitos bens, apenas uma mala, com algumas trocas de roupa e alguns livros, que tinham sido seus melhores companheiros durante aquele penoso tempo em que esteve preso. Kerouac, Hemingway, Miller... Sid sonhava em conhecer o mundo. Mas sabia que esse sonho já não seria possível de realizar, pois já estava velho, e praticamente invalidado.

Saiu da penitenciária e tomou um ônibus, sentido centro. Pela janela do ônibus, Sid ficava a observar o mundo, com os olhos de uma criança. Muita coisa havia mudado durante aqueles 50 anos. Muita coisa MESMO. E Sid sabia que não conseguiria se ajustar.

Desceu do ônibus em frente a um belo parque. Deu algumas voltas nele, sentiu o vento em seu rosto e a sensação de jovialidade que lhe faltava, e decidiu procurar um lugar para ficar.

Depois de andar durante o dia, por volta das 5 horas da tarde, Sid chegou ao 616. Era um hotel bem aconchegante, com belos móveis que faziam Sid se lembrar de sua infância. Entrou no hotel e pensou: *posso passar alguns dias aqui antes de ir embora...*

O que Sid ainda não sabia é que ele realmente iria embora, e que aquela seria sua última reserva.

## Memórias da liberdade – Capítulo II

Entrou no hotel um pouco tímido. Sid não era o tipo de pessoa que tinha muitos amigos – nenhum, para ser mais exato. Os poucos que fizera na cadeia já tinham morrido. Não tinha mais contato com sua família, ou qualquer outro elo com qualquer outra pessoa. Estava completamente sozinho no mundo.

No balcão, um senhor ranzinza, baixo e magricela, com um óculos na ponta do nariz e uma voz fina e engraçada disse:

- Pois não?
- Gostaria de um quarto por alguns dias.
- Temos o 932 e o 237... alguma preferência?
- Qualquer um deles serve...
- Fique com o 237, terceiro andar. Pagamento adiantado?
- Não, pago depois.



- Tudo bem – disse, entregando as chaves nas mãos de Sid.

Sid não gostava de elevadores, e foi até o quarto pela escadaria. O hotel aparentava ser bastante velho, mas era bonito e estava bem conservado. Chegou ao quarto e viu que também estava bem conservado – cama, lençol, toalhas, tudo muito limpo. Maravilha, pensou, deitando – se na cama para descansar um pouco.

Passou algum tempo ali na cama, lembrando – se de como era bom ser livre, como é boa a liberdade. E nesse belo e florido pensamento dormiu sem perceber, no que foi a sua primeira noite fora da cadeia em 50 anos.

## Memórias da liberdade – Capítulo III

Sid desce de uma van, e leva nas mãos uma Tommy Gun. Está com seus sete comparsas, menos Nick, que iria chegar depois. Nick era o piloto de fuga, o mais novo entre eles, e o queridinho de todos. A gangue inteira usava máscaras de caveiras, para não serem identificados. Descem em frente ao banco, cada um com sua respectiva Tommy Gun, e entram anunciando:

- Todo mundo pro chão, isso é um assalto!

As pessoas imediatamente seguem ordem, mas um policial à paisana que estava no local resolve atirar. O homem saca uma .38 Special do bolso da calça e atira contra Burt, que está a frente do grupo. Burt dá um resmungão antes de cair, com um tiro na barriga. Michael, que estava mais próximo do policial, não pensou duas vezes antes de descarregar bala no desgraçado.

- Morra, filho da puta! – gritou, antes de puxar o gatilho.

Umás doze ou quinze balas entraram pelo peito do policial, que caiu, no chão já morto. Ele não teve nem tempo de reagir. *Deus tenha piedade da sua alma*, pensou Sid.

Barry já está dando assistência à Burt, que ainda está no chão, mas consciente. Os outros mantêm tudo em ordem, enquanto Sid e Michael vão até o cofre. Rendem a mulher que lá está, e logo Josh chega com o gerente.

- Abra o cofre, desgraçado!

- Sssssiiii-si-sim... – responde, já cagado de medo.

Dito isso, começa a colocar a senha no cofre. Alguns segundos depois, o cofre se abre, e eles entram, cada um com quatro malas pretas. Enchem as malas com dinheiro, barras de ouro e jóias, e vão embora. Antes de saírem do cofre, prendem todos os funcionários do banco dentro do cofre.

Saem do banco no momento certo que Nick aparece com o outro carro.

- Vamos! – grita Nick, da janela.

Barry abre a porta e joga Burt lá dentro, e vai ajudando os outros companheiros. O último a entrar é Sid, que quando foi tentar entrar, viu Burt, seu amigo e companheiro, fechando a porta da van com um sorriso malicioso no olhar. E viu a van indo embora, com o dinheiro dos seus sonhos, mas, mais do que isso, viu ali sua liberdade sendo jogada na lata do lixo, e teve

certeza disso quando viu as viaturas chegando. Sid não pensou duas vezes antes de puxar o gatilho – o problema é que não tinha muitas balas. Tomou um tiro na perna, e outro no braço, e então foi neutralizado.

Depois disso, Sid nunca mais viu Burt, nem ninguém. Mas jurou que, se os encontrasse, os mataria, um a um, custasse o que custasse.

## Memórias da liberdade – Capítulo IV

Abriu os olhos. Lembrou – se de que estava no hotel. Olhou o relógio. Meia – noite. Havia dormido cedo, e acordou a noite. *Que diabos de sonho foi esse?*, pensou consigo mesmo. Sid não se incomodava com sonhos ruins – havia tido muitos deles na cadeia. Tinha pesadelos frequentes, e conseguia, de certa forma, se controlar perante eles. Levantou da cama, acendeu um cigarro e foi até a janela, observar o mundo.

*Um mundo novo se coloca diante de meus olhos.  
Minha vida agora que é vida de verdade, não mentira.*

*Não há mais um pássaro enjaulado.*

*O pássaro está livre pra voar. Livre pra voltar pra casa.*

Ficou ali tendo viagens e viagens, fumando cigarros, tomando um resto de uísque velho e tentando apagar toda aquela lembrança ruim daquela vida marcada e maldita que havia levado.

## Memórias da liberdade – Capítulo V

Já passava das três da manhã quando conseguiu pegar no sono novamente. E dessa vez, iria dormir até o sol nascer.

Dessa vez, acordou em um cemitério. Estava em um funeral, e não conseguia identificar os rostos das pessoas. Sentia um certo desconforto por isso. Não sabia quem era o morto, e nem quem eram aquelas pessoas. Alguns, aparentemente familiares, iam na frente, carregando o caixão. Sid tentou chegar mais perto, mas não conseguiu. Foi seguindo a passeata até o túmulo, tentando enxergar os rostos, e não conseguia. Simplesmente não conseguia. Era como se seus rostos estivessem borrados, ou algo do tipo. Uma coisa realmente muito estranha.

Quando chegaram ao túmulo e o caixão começou a ser baixado dentro da sepultura, Sid conseguiu chegar mais perto e ver quem era: era ele mesmo, vestindo um smoking com um cravo negro e algodões nas narinas. Apavorado, tentou tomar distância, mas os corpos das pessoas não o deixavam sair de perto da sepultura. Tentava empurrá-los, e não conseguia. Foi ficando desesperado, cada vez mais desesperado, até que

aquelas pessoas o empurraram para dentro da sepultura, e começaram a cobri – lo – primeiro de flores, depois de terra. E Sid não conseguia sentir seu corpo. Era como se apenas conseguisse assistir a cena, sem nada fazer. Era como se estivesse morto de verdade. Aquilo começou a tirar Sid do sério, e ele foi dominado por um sentimento de revolta e ira que nunca havia sentido, em toda a sua existência. Aquilo o dominou por completo quando a última fresta de luz que sobrara fora fechada, sobrando apenas aquela aura ruim em torno daquela sepultura.

## Memórias da liberdade – Capítulo VI

Levanta gritando um grito de dor, de agonia. Como de quem quer matar alguém. Um grito de ódio.

Percebe que aquilo não passou de um sonho, e fica sentado em sua cama durante alguns minutos, tentando reconstruir aquele sonho em sua cabeça. Logo levanta, vai tomar um banho e sai para tomar um café. Seria bom para tirar esses sonhos ruins da cabeça, pensou.

Durante o dia, Sid visitou lugares que costumava frequentar e casas de velhos amigos, apesar de não ter sequer tocado a campainha de nenhuma delas. Sid andou o dia inteiro – mesmo velho, ainda tinha um quê de disposição. Acredito que, quando se passa 50 anos trancafiado dentro de uma penitenciária, uma caminhada durante a tarde não é nada. Definitivamente nada.

Sid tomou café em um simpático café no estilo francês, com belas guirlandas dependuradas em todas as partes. Sentiu que o ambiente era bastante aconchegante. Ficou ali, fitando as belas jovens que iam para lá e para cá, no *groove* da cidade grande. Ficou se lembrando de sua juventude, das garotas, dos



carros, das festas... *bons tempos*, pensou. E continuou a observar o movimento por mais algumas horas.

Já era noite quando saiu do café, e tinha fome. Parou em um trailer mexicano, pediu dois tacos, comeu e saiu. No caminho, passou em um mercadinho e comprou algumas cervejas, para poder apreciar durante a noite. E então partiu para o hotel.

Quando chegou no saguão, viu que havia muitos policiais ali. Sentiu um frio na barriga, pois havia acabado de sair da cadeia. Se tranquilizou quando viu o corpo de bombeiros também, e pode entender do que se tratava: um dos quartos havia pegado fogo durante o dia. Uma mulher enlouquecera, e ateara fogo em si própria e no quarto. Por sorte, mais nenhum outro quarto ou cliente foi perdido. Somente o quarto 301.

*Era uma moça jovem, de 25 anos*, Sid ouviu duas senhoras conversando. *Meu Deus, que Deus tenha piedade dessa alma*, uma delas falou, e aquela frase foi como um gatilho na mente de Sid: se lembrou do sonho, e do dia em que fora preso. Se lembrou dos filhos da puta que diziam ser seus amigos. Se lembrou da grana, dos planos e das armas. E se lembrou de Burt.

*Filho da puta, Burt.*

*Ainda vou me vingar de você, desgraçado.*

E, sem perceber, Sid foi ficando vermelho, raivoso, e irado, quando sentiu aquela mesma sensação que havia sentido quando acordara, a mesma raiva, o mesmo ódio. E resolveu subir para o seu quarto, para tentar tranquilizar sua mente e seu coração com algumas cervejas baratas.

## Memórias da liberdade – Capítulo VII

Abre a lata de cerveja e vai para a janela. Sente uma sensação boa de liberdade olhando pela janela. Gosta de ficar ali. Perde horas ali, sozinho, imaginando o que faria e para onde iria se pudesse voar.

*Sonha.*

*Sonha igual criança.*

*Sonha, voa alto, passarinho.*

*Bate asa, passarinho.*

*Se eu te pego, te arranco as asas, passarinho.*

*Te rasgo a cara,*

*Te chuto*

*E te mato.*

*Então sonha, passarinho.*

*Só sonha.*

*É só o que te resta.*

E a cada minuto que passa, a raiva e o ódio aumentam cada vez mais dentro de Sid, que senta – se a cama e nem percebe quando dorme com uma lata cheia na mão, derrubando – a em todo o carpete.

## Memórias da liberdade – Capítulo VIII

Dirigia por uma estrada escura, em meio a grandes árvores. Conduzia um veículo 4x4, pois a estrada era de terra. Dirigiu por alguns minutos, em meio a uma névoa que não sabia explicar de onde vinha. Foi se aproximando de um portão caseiro, feito de madeira e arame. Desceu do carro, abriu o portão e entrou no terreno.

Uma bela casa, branca, com grandes janelas e uma bela varanda se encontrava à sua frente. Mas Sid continuou dirigindo até uma pequena cabana de madeira que havia na parte de trás da casa. Parou o carro em frente a cabana, desligou – o e desceu. Levava em suas mãos um grifo de mais ou menos uns 5kg. Entrou na cabana, que tinha a porta da frente aberta. Sid não sabia o que estava fazendo ali, mas não conseguia se controlar. Ele não estava interagindo com a cena, era como se ele fosse controlado por uma inteligência superior ou coisa assim. Foi até um dos quartos, como se procurasse por alguém, e não encontra ninguém. No segundo quarto, a mesma coisa. Até que entra no terceiro quarto.

Lá, pode ver Burt, dormindo tranquilamente. Sid se aproxima sorratamente e desfere um golpe violento contra a têmpora de Burt, que só dá um leve gemido e nem chega a acordar. E então aquela mesma sensação de ódio e raiva vem até Sid, e ele começa a bater em Burt. Bate tanto que, no final, a cabeça de Burt virou uma mancha de sangue apenas, nada mais. Destruíu todos os ossos do rosto dele, desfigurou aquele corpo por completo. Você só saberia que era humano porque tinha tronco e pernas. Porque cabeça não tinha mais.

Sid sentiu gotas de sangue se espirrarem por seu corpo enquanto matava Burt, e aquilo o dava uma estranha sensação de paz. Acendeu um cigarro, olhou para o corpo morto de Burt e saiu, como se tivesse deixado uma parte de seu penoso karma para trás.

Pega o carro novamente. Sai daquele terreno, e toma a estrada novamente. Dirige por mais ou menos 45 minutos, até chegar a uma rodovia. Ao entrar nela, vê uma garotinha no acostamento, que pede carona. Encosta o carro na intenção de ajuda – lá. Quando abre a porta, pode ver que a garotinha tem a cabeça explodida do lado direito, como quem tomou um tiro de 7,62mm. Era bizarro. A menininha se rastejou para dentro de seu carro, e Sid não conseguia fazer nada. Não conseguia se mexer, se defender, nada. Estava lá,

parado feito dois de paus. E a garotinha colocou as mãos em seu pescoço, e apertou.

Sid sentia as unhas cravadas em seu pescoço, e sentia o sangue escorrendo por seu peito. A menina agora tinha uma feição demoníaca, com olhos negros e dentes pontiagudos. Deu uma mordida no rosto de Sid, que fez com que ele gritasse tão alto que todos devem ter ouvido num raio de 10km. Sid sentiu aquela dor, tão forte, tão aguda, tão intensa e foi perdendo os sentidos, até que simplesmente desmaiou nas mãos daquela bizarra menininha.

## Memórias da liberdade – Capítulo IX

Sid acorda dando gritos de medo e pavor. Olha em volta e se lembra de que está no hotel, e tenta recuperar a sanidade que lhe foi momentaneamente roubada. Levanta – se e vai até o banheiro. Quando olha no espelho, vê as marcas das unhas da menininha em seu pescoço – embora seu rosto continuasse igual. Assustou – se, deu uns tapas em seu próprio rosto e entrou debaixo do chuveiro, esperando que aquela coisa ruim que estava dentro dele fosse embora pelo ralo.

Fica pensando milhares de coisas embaixo do chuveiro, e todas aquelas lembranças ficam atormentando – lo. É como se todos os seus demônios interiores o falassem diretamente ao coração, fazendo o sentir uma angústia e um desespero que nunca havia vivenciado em toda a vida, nem em seus piores pesadelos. Começa a ouvir vozes em sua cabeça, milhares delas, e não compreende nenhuma. Então Sid sai correndo. Simplesmente sai correndo, sem saber para onde, como se quisesse fugir daquelas vozes. Corre pelos corredores do hotel completamente nu. Desce até o saguão, e as pessoas o olham com medo,



e algumas delas riem. E ele atravessa a porta de entrada, e sai em direção a rua.

Sid olha para o lado esquerdo e vê um ônibus a mais ou menos uns 65 ou 70km/h. E não pensa duas vezes antes de se jogar na frente dele.

E somente destruindo a si mesmo foi que Sid conseguiu se libertar de seu karma.

## Réquiem – Capítulo I

Era outono, e as folhas caíam lá fora. Enquanto isso, trancado em sua casa, Friedrich estudava Bach com sua mãe, a maestra von Strauss. Sua mãe o ensinava dia e noite, sem parar, e toda vez que errava, era castigado com uma vara nos dedos. Sua mãe o olhava como um general olhando um soldado. Passou um tempo tocando, até que errou novamente.

Dessa vez, sua mãe começou a bater nele, com fúria inexplicável. Batia a cabeça de Friedrich contra o piano, até que ele pode sentir o sangue escorrendo de sua testa, e ele gritava e chorava. Até que, de tanto apanhar, viu a visão escurecer e desmaiou.

## Réquiem – Capítulo II

*Fred! Fred!*

Acordou assustado, e sem saber onde estava. Demorou uns poucos segundos para se lembrar. Estava no 616 na Quinta Avenida, pois iriam se apresentar no Municipal em três dias. E seu amigo Arthur estava batendo à porta, dizendo:

- Fred! Fred! Estamos atrasados para o ensaio! Anda logo, seu maluco!

Então Fred pula da cama, coloca a roupa e em questão de segundos já está saindo do quarto, de encontro a seu amigo.

Correm para fora do prédio, ainda se arrumando, e quase Fred tropeça em alguma coisa, o que o faz quase ser atropelado por um táxi.

- Filho da puta! – grita, abotoando o terno.

Chamam outro táxi, entram nele e vão para o Teatro, para o primeiro ensaio do que seria seu próprio Réquiem.

## Réquiem – Capítulo III

Depois de um dia inteiro de ensaios, foram para um bar. Estavam cansados, e queriam uma cerveja. E foram para um pub pequenino próximo ao hotel. Ficaram lá durante umas duas ou três horas no máximo, e não beberam muito.

Antes da meia – noite, já estavam de volta ao hotel, levemente embriagados. Entram no elevador rindo e brincando. Arthur estava um andar acima de Fred, então Fred desceu primeiro. *Boa noite, irmão*, e um aperto de mão, e Fred sai do elevador.

Ao entrar no corredor, tem uma sensação estranha. Sente certa vertigem ao olhar o corredor, como se ele tivesse perdido a noção real de espaço. Balança a cabeça negativamente, pensando *estou trabalhando muito*, e vai para o quarto tentar descansar.

Deitou – se na cama e se despiu, jogando a roupa do outro lado do quarto. Logo estava dormindo como um bebê, e roncando como um urso.

## Réquiem – Capítulo IV

Fred estava em um Teatro antigo, e muito grande. Havia apenas um piano no meio do palco, e um homem o tocava, de costas para Fred. Fred estava indo em direção ao palco, como se tivesse acabado de entrar no Teatro. E estava maravilhado com toda aquela cena.

O palco tinha grandes cortinas vermelho – bordô, e que estavam abertas. Havia rostos de anjos em volta do palco, tanto na parte superior quanto na parte inferior. Pode ouvir um coral, e olhou ao redor para procura – lo. E encontrou, mas talvez fosse melhor não ter visto.

Nas partes superiores do Teatro, onde ficam os nobres, Fred pode ver grupos de mais ou menos dez pessoas em cada um deles, e elas entoavam o Requiem de Johannes Brahms. Mas elas não estavam vivas. Seus olhos estavam soltos de seus rostos, suas peles já estavam podres e comidas pelos vermes, e os poucos fios de cabelo que lhes restaram eram finos e podres também. Um coral de mortos – vivos.

Fred, ainda maravilhado com a canção, com o Teatro e com a cena toda, decidiu ignora – los e ir até o palco, onde o homem tocava majestosamente um piano negro.

Subiu os degraus do palco um pouco receoso, mas estava hipnotizado por aquela música, e mesmo se quisesse não conseguiria se libertar. O homem era careca, magro e alto, e usava uma vestimenta clássica, que aparentava ser do séc. XVII. Conforme Fred foi se aproximando, pode notar a beleza daquilo tudo: o homem, a canção, o piano... tudo era lindo, absolutamente lindo.

E então o pianista bateu dois acordes dissonantes, e olhou para Fred.

Os olhos dele eram brancos, como se ele fosse cego. Ao redor dos olhos, marcas de queimaduras, já envelhecidas pelo tempo. A única orelha que tinha estava pela metade, e a outra já nem estava mais ali. O nariz não existia, e um buraco em sua bochecha possibilitava a Fred enxergar seus dentes podres e esverdeados.

O homem abriu a boca numa expressão ameaçadora, e Fred, que estava maravilhado, viu toda essa magia se transformar em medo. Puro e completo medo.

*Eu sou você, Fred.*

*Olhe para si mesmo, Friedrich.*

*É isso mesmo que você quer?*

*Quem é mesmo Friedrich von Strauss?*

E Fred começou a se perguntar, se deixando levar pela conversa fácil daquele homem morto, e um turbilhão de pensamentos invadiu a sua cabeça, e Fred gritou. Quando gritou, com as mãos tapando os ouvidos, viu o homem abrir a boca e o engolir, e então tudo se apagou.

## Réquiem – Capítulo V

Abre os olhos lentamente, ainda deitado na cama. O relógio no criado – mudo marca 7:30. *Ainda é cedo*, pensou, *vou dormir um pouco mais*. Mas não conseguiu.

Levantou – se tranquilamente, pensando naquele sonho. Era como se Fred realmente pudesse se ver nos olhos daquele velho, nas palavras dele. Era estranho, mas Fred não se deixava levar por essas coisas. Não acreditava em nada, absolutamente nada – somente em si mesmo.

Tomou um banho e saiu para tomar um café. Do outro lado da rua do hotel, tinha um pequeno café, meio sujo e escuro, mas que serviria bem, pensou. E pra lá foi, despreocupado.

Pediu um duplo, e um pão. Ficou ali algum tempo, a contemplar o líquido negro dentro da xícara, sem ter sequer um pensamento. A única coisa na qual conseguia pensar era no Réquiem de Brahms, que, por incrível que pareça, ainda ecoava em sua mente.

Pediu mais dois pães e dois cafés, para viagem, e voltou para o hotel, pois em breve teriam que ensaiar



novamente. Foi até o quarto de Arthur, levando o café. Bateu na porta já dizendo:

- Levante logo, seu saco de preguiça! Eu trouxe o café!

- Já to acordado, trouxa. – responde, abrindo a porta e rindo.

Os dois se abraçam e Fred entra no quarto de Arthur, para deixar o café. Vão conversando enquanto Arthur se arruma, e Fred pergunta sem querer:

- Lembra – se do Réquiem de Brahms?

- Claro que me lembro... e tem como esquecer? Foi no enterro do velho...

- Pois é... maldito velho.

- Ninguém nunca gostou dele. Só o maestro Torquemada.

Falavam da ocasião em que foram tocar no funeral do Dr. Klingermann, um amigo do maestro Torquemada, e que havia sido um nazista na época da Segunda Guerra, e se refugiou na América do pós – guerra. Quase ninguém sabia disso, verdade, mas Fred sabia porque tinha descendência germânica, e ele e sua família eram anti – Hitler. Vieram refugiados também,

embora Fred ainda nem fosse nascido. Ouvia muitas histórias de sua mãe, que fora perseguida sob a acusação de ser judia. Eram tempos difíceis.

Na ocasião de sua morte, foram tocar em seu funeral. Chovia muito no dia, e, no meio da obra, um raio caiu sobre o palco, atingindo em cheio Paul, que tocava contrabaixo. Esse mesmo raio que matou Paul matou também centenas de pessoas, pois o palco de madeira começou a queimar quase que imediatamente. E o desespero foi geral. Pessoas corriam pra lá e pra cá, tentando salvar suas vidas e de seus familiares, instrumentos no chão, foi um caos. E Fred e Arthur escaparam por pouco, juntamente com o maestro Torquemada – de toda a orquestra, foram os únicos sobreviventes. Foi uma grande tragédia.

- Mas enfim, o que é que tem o Réquiem de Brahms?

- Nada... só me lembrei dele, e agora não consigo tira – lo da cabeça.

## Réquiem – Capítulo VI

*Toque a sonata, meu bem.*

*Simplesmente, toque – a.*

*Para mim.*

*Para a lua.*

*Toque, e não se importe com mais nada.*

*Faça de teu Réquiem*

*Tua última morada.*

Ouviu essas palavras enquanto ensaiava. Foi estranho, pois ninguém falava, e era como se alguém o falasse ao pé do ouvido. Uma voz feminina, muito sensual. E que lembrava seu primeiro amor, Charlotte.

Charlotte era uma garota diferente em todos os aspectos. E era isso que Fred realmente gostava. Algumas circunstâncias o fizeram abandona – la, e

Fred acreditava, até aquele momento, ter desperdiçado a chance de sua vida. No momento em que ouviu a voz, lembrou – se de seus olhos. Charlotte tinha um olho verde e o outro azul, e de uma pureza sem igual. Havia passado por maus bocados, mas conservava a pureza de uma criança.

E, enquanto tocava, deixou uma pequena lágrima rolar de seus olhos tristes e cansados.

## Réquiem – Capítulo VII

Deitado em sua cama, pensa em Charlotte. Como ela era doce. Ficava a se perguntar o porquê de ter tomado certas decisões, e chorou. Chorou muito aquela noite, e adormeceu enquanto chorava, sem perceber.

Charlotte vinha em sua direção. Vestia apenas uma camisola, muito provocante. Fred a toma nos braços, a beija com prazer e começam a se amar. Um amor frenético e louco, como nunca havia feito antes. Um amor selvagem, animal. E no último momento, sente as unhas de Charlotte encravar em suas costas, fazendo – a sangrar. Dá um urro de dor e fecha os olhos. Quando abre – os novamente, está em um cemitério.

*Mas que...*

Não sabia o que estava acontecendo. Estava parado em frente a uma lápide, e ela tinha seu nome escrito. Descanse em paz, meu amigo, a mensagem dizia. Assustado, Fred olhou para a lápide do lado. Charlotte. Havia uma rosa sobre o túmulo de Charlotte, e Fred a tomou nas mãos. Um espinho perfura seu dedo, fazendo – o sangrar. E Fred chora novamente.

Corre pelo cemitério. Chovia muito, e Fred já estava todo molhado. Ao passar por um túmulo, sentiu uma mão agarrar seu pé. Quando olhou, viu sua mãe, podre e morta, se levantando de seu túmulo e o agarrando com força. Tenta desesperadamente se salvar, mas não consegue. Lutar é inútil. Então sente o toque gelado da mão de sua mãe em seu rosto e sente como se sua energia fosse sendo tomada de seu corpo gradativamente, até que cai no chão e não vê mais nada.

## Réquiem – Capítulo VIII

Acorda com pensamentos voando em sua cabeça, como andorinhas. Lembranças ruins, de um passado distante, o atormentam. Levanta – se calmamente, coloca a roupa e sai. Ainda é cedo, era o dia de sua apresentação, e teria que estar lá somente às 17hs. Coloca o casaco e sai sem rumo pela cidade.

Anda alguns quarteirões pra cima, outros para baixo, e não sabe nem onde está e nem pra onde está indo. Passa por um belo parque numa área suburbana, dá algumas voltas nele e sai. Passando por uma humilde rua próxima, nota uma pequenina casa com uma portinhola de vidro, e que chama atenção. Uma senhorinha está a porta, desconsolada, como se esperasse alguém voltar. Fred não dá atenção e continua sua caminhada.

Começa a ouvir vozes dentro de sua cabeça. Milhares delas. Não consegue compreender – las, mas elas não o incomodavam. Um *zum zum zum* desgraçado dentro de sua cabeça, e ele andava com uma expressão serena. Andou até mais ou menos 16hs, quando voltou para o hotel para poder se preparar para a apresentação, que seria a última de sua vida.

## Réquiem – Capítulo IX

Chegou no hotel, colocou seu smoking que já o esperava em seu quarto e saiu. Não iria esperar Arthur. Iria encontra – lo lá, de qualquer forma. Pegou o elevador e pressionou o botão térreo, e aguardou pacientemente.

Enquanto aguardava, podia ouvir Charlotte em seus ouvidos. *Mate, meu querido. Por mim. Mate todos eles...*

*Faço tudo por você, minha rainha, respondeu a si mesmo dentro de sua mente doentia.*

E saiu do elevador, impassível, tranquilo e sereno.

E armando um plano.



## Réquiem – Capítulo X

Chegou pontualmente às 17hs no Teatro. Teriam que ensaiar ainda mais uma última vez antes do show.

Tudo pronto, tudo preparado. Arthur senta – se à tuba, e balança a cabeça em cumprimento à Fred, que faz o mesmo. Tocam mais uma meia hora, e param. Arthur larga a tuba e vem até Fred:

- Nem me esperou, cuzão.

- Você viria de qualquer jeito – disse, rindo.

- Otário – respondeu Arthur, rindo também.

- Vamos fumar um cigarro, cara – sugeriu Fred.

E foram para a área de fumantes. Ali ficaram alguns minutos, sem dizer nada. Uma apresentação daquele porte era sempre uma coisa estranha. Sempre dava aquele frio na barriga. Como se fosse a primeira vez.

Terminaram os cigarros e entraram, para os últimos preparativos. Eram quase 19hs quando entraram no palco, e foram os últimos – sempre eram os últimos.

Ao sentar no piano, Fred pode ver, dentro dele, um isqueiro. Prontamente o retirou dali, colocando – o no bolso direito de seu smoking. Ignorou o isqueiro, se aprontou e aguardou as cortinas se abrirem.

E o público foi a loucura. Milhares de aplausos, antes mesmo de começarem. Tocam durante uma hora sem parar, e entram para o intervalo.

Fred vai ao banheiro. Sozinho, de frente para o espelho, vê um vulto atrás dele. Todo negro, de cartola, e coloca a mão sobre o ombro esquerdo de Fred, que se vira na esperança de poder vê – lo. E não há nada, a não ser as portas. Olha novamente para o espelho. Nada.

E então escuta Charlotte.

Conversa com ela durante alguns segundos, como se estivesse entorpecido por alguma substância tóxica, concorda e sai.

Somente Fred sabia o que tinha ouvido. Mas, em breve, o mundo inteiro saberia.

## Réquiem – Capítulo XI

Tocam mais uma hora e meia antes do último ato. Mais um intervalo. Tudo corre bem. Perfeitamente bem. E são chamados para o ato final.

Entram, e tocam novamente durante uma hora. No final se levantam para agradecer ao público. Nesse momento, Fred pega o isqueiro e acende a cortina do Teatro, fazendo-a queimar por inteira em uma fração de segundo. Logo, todo o Teatro está em chamas. As pessoas correm desesperadas, tentando sair, mas todas as portas estão trancadas. Não há escapatória. Fred vê o maestro Torquemada olhar fixamente nos olhos e sorrir com expressão de deboche. Fred ri como um maníaco, enquanto observa o Teatro queimar.

*Queime!*

E parado no meio do palco, Fred encerra a obra de sua vida, sua salvação e sua alma. Seu medo e seu desespero.

Seu último e derradeiro adeus.

Seu próprio Réquiem.

FIM.